

Universidade Aberta do Brasil
Universidade Federal da Paraíba
Centro de Educação

Linguagem e Pensamento na Educação Infantil I

Luciênio de Macêdo Teixeira



SUMÁRIO

Palavras do professor-pesquisador	208
Croqui do percurso	209
Mapa conceitual	214
Desempenho no percurso	215
UNIDADE I: PENSAMENTO E LINGUAGEM	216
Conceitos de pensamento e linguagem	216
A Teoria de Piaget sobre a linguagem e o pensamento	221
A Teoria de Vygotsky sobre as raízes genéticas do pensamento e da linguagem	225
A linguagem como produto da inteligência na teoria de Chomsky.....	229
UNIDADE II: LINGUAGEM VERBAL E NÃO-VERBAL: DIFERENÇAS E CARACTERÍSTICAS	232
Características da linguagem verbal e não-verbal	232
A linguagem corporal.....	236
A linguagem cênica	239
O desenvolvimento da oralidade na educação infantil	243
UNIDADE III: LINGUAGENS NÃO-VERBAIS - ENTRE LÍNGUA, CULTURA E SOCIEDADE: IDEIAS E PRÁTICAS	248
A linguagem imagética e plástica	248
A linguagem musical.....	252
"Contação" de histórias como atividade síntese	256
Linguagens não-verbais: como contar histórias	260

Palavras do professor-pesquisador

Caríssimos e caríssimas aprendentes,



Aqui estão, diante de vocês, o esforço e o desejo de vivenciarmos, juntos, um pouco do intrigante universo da Linguagem. Inicialmente encontrava-me solitário na trilha, buscando conhecimento, articulando ideias e desenvolvendo um pouco da pedagogia à distância. A angústia, se porventura houve, não foi da tarefa em si, porém, muito mais em apressar nosso contato.

Como disse, inicialmente estava só, agora estamos juntos! Já consigo vislumbrar sua forte presença no percurso e sei também que irei aprender muitas coisas, pois temos a união de nossa força, de nosso intelecto. Encontramo-nos no meio da subida ao topo da montanha. Nessa etapa, além de nós, teremos a Linguagem e o Pensamento na Educação Infantil I como um componente curricular companheiro. Será através dele que manteremos contato, será a nossa corda de alpinismo, que não nos fará perder de vista a meta e o quanto poderemos nos auxiliar na subida.

Para nosso intento, teremos, ainda, de maneira análoga ao montanhismo, duas etapas ou acampamentos: a que tratará de parte dos conceitos que envolvem pensamento e linguagem na educação infantil e outra que busca situar esses conceitos e ideias no campo prático, no dia-a-dia da atividade docente. Cada módulo trará seus desafios, os quais, carinhosamente, chamo de "provocações", como que querendo não apenas a tarefa realizada, mas muito mais a tarefa encarada como estímulo de vida. Para nos determos diante de cada uma delas, precisamos, antes de tudo, ter a consciência do sentido e da razão de nosso componente curricular.

No entanto, não esperem que eu lhes diga todas as motivações que nosso componente enseja nesta breve apresentação. Quero de vocês a resposta, que não precisa ser dada agora. Aguardo até o final de nossa trilha, e que venha como reflexão de todos os instantes, leituras, desafios, dúvidas e vitórias que certamente teremos.

Já estou com todo o ânimo! Então, venham comigo e façamos a melhor troca possível entre pessoas: troco minha idéia pelas suas e ficamos com as duas.

No desejo de paz, saúde e crescimento,
Prof. Dr. Luciênio de Macêdo Teixeira

Croqui do Percurso

**UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CURSO DE PEDAGOGIA - MODALIDADE A DISTÂNCIA
LINGUAGEM E PENSAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL I**

Professor: Dr. LUCIÊNIO DE MACÊDO TEIXEIRA
E-mail: lucienio@uol.com.br

Período: 2009.1

Componente Curricular:
LINGUAGEM E PENSAMENTO NA EDUCAÇÃO
INFANTIL I

60 horas/aulas

04 créditos

Ementa:

A linguagem como processo de interação. As características da linguagem não-verbal. As múltiplas linguagens na Educação Infantil (corporal, plástica, cênica, imagética e musical). A relação entre a língua, a cultura e a sociedade. Relações entre pensamento e linguagem. Desenvolvimento da oralidade.

Objetivo geral:

Compreender o que é a linguagem - em especial, a não-verbal e suas possibilidades - no contexto da Educação Infantil, sua relação com o pensamento e como processo de interação, através de suas manifestações, tais como o teatro, a música, as imagens, a leitura, a escrita etc.

Objetivos específicos:

- Compreender a variedade de tipos de linguagem e sua relação com a Educação Infantil;
- Adequar as práticas às teorias estudadas, de maneira a facilitar aos/às educadores/as a capacidade de desenvolver nas crianças habilidades motoras, perceptuais e de coordenação sensorial, com preparo para aprendizagem de leitura e da escrita;
- Fazer uma análise da prática pedagógica, no que diz respeito ao desenvolvimento da oralidade, através da linguagem não-verbal;
- Desenvolver estratégias que possibilitem a interação dos diversos tipos de linguagem não-verbal, particularmente, a partir da "contação" de histórias e dos jogos infantis.

Competências e habilidades a serem desenvolvidas:

Capacidade de comunicação oral, escrita e não-verbal;
Capacidade de trabalhar e criar técnicas que envolvam linguagens não-verbais para a Educação Infantil;
Capacidade de trabalhar a linguagem corporal e cênica na interpretação de textos e histórias;
Capacidade de compreender o papel da linguagem musical no desenvolvimento da oralidade;
Capacidade de trabalhar em equipe;
Capacidade de compreender as variadas dimensões da aprendizagem humana;
Capacidade de gerir autonomia e responsabilidade;
Capacidade de reconhecer-se protagonista de suas autorias pedagógicas.
Capacidade de ser um(a) contador(a) de histórias através dos recursos das linguagens não-verbais;
Capacidade de utilizar conscientemente jogos infantis e suas variantes para o desenvolvimento da oralidade.

Etapas do percurso:

UNIDADE I: PENSAMENTO E LINGUAGEM

- Conceitos de pensamento e linguagem
- A teoria de Piaget sobre a linguagem e o pensamento
- A teoria de Vygotsky sobre as raízes genéticas do pensamento e da linguagem
- A linguagem como produto da inteligência na teoria de Chomsky

UNIDADE II: LINGUAGEM VERBAL E NÃO-VERBAL: DIFERENÇAS E CARACTERÍSTICAS

- Características da linguagem verbal e não-verbal
- A linguagem corporal
- A linguagem cênica
- O desenvolvimento da oralidade na educação infantil

UNIDADE III: LINGUAGENS NÃO-VERBAIS, ENTRE LÍNGUA, CULTURA E SOCIEDADE: IDEIAS E PRÁTICAS

- A linguagem imagética e plástica
- A linguagem musical
- “Contaçãõ” de histórias como atividade síntese
- Linguagens não-verbais: como contar histórias

Recursos técnico-pedagógicos:

Trilhas do Aprendiz (material didático impresso)

AVA (ambiente virtual de aprendizagem), Moodle:

- Fóruns
- Sala de bate-papo
- Disponibilidade de arquivos de texto
- Disponibilidade de arquivos com apresentações didáticas
- Disponibilidade de trabalhos em grupo

Consulta a livros

Consulta à internet

Desafios

Vídeos

Músicas

Produções: Resumos, sínteses, produção de texto e de esquetes

Estratégias:

As estratégias deste percurso estão fundamentadas em um conjunto de atividades, visando à compreensão e à apreensão dos conceitos das linguagens não-verbais, particularmente as que dizem respeito ao corpo, ao teatro e à música. A tônica aqui é a articulação entre linguagem verbal e não-verbal e o espaço didático-pedagógico da Educação Infantil. A desenvoltura e o trabalho em equipe serão estimulados, já que o percurso busca mesclar teoria e prática, culminando na produção de histórias apresentadas pelos/as aprendentes (esquetes) como forma de sintetizar os conhecimentos apreendidos. Assim, é de fundamental importância a participação efetiva em cada desafio proposto, com a compreensão de que cada um deles será componente do último desafio. Conforme o desenvolvimento do percurso, a interação entre os/as aprendentes, em seu Pólo Municipal, será cada vez mais necessária, com o intuito de realizar, efetivamente e com qualidade, o nosso desafio final: uma grande "contação" de histórias, através do universo da linguagem.

Desafios:

Os desafios propostos neste percurso servirão como instrumentos de avaliação, através de exercícios escritos, testes, produção textual e de esquetes, discussões *on-line* e a participação em fóruns. Assim, como forma de avaliação, serão consideradas as habilidades e capacidades propostas pelo componente curricular, tais como: domínio dos referenciais teóricos, interatividade, capacidade de criação, capacidade de explorar os diversos tipos de linguagem não-verbal, de trabalho em equipe e de produção de textos.

GPS:

O Sistema de Posicionamento Global (GPS) deste percurso adota quatro posições ou notas parciais. Essas notas são assim divididas: (i) duas, para a coleção de desafios propostos em cada aula das três unidades; (ii) uma, para a prova escrita e presencial, e (iii) uma, para o desafio final. Os pesos dados para as quatro notas são os seguintes: 40%, para as notas dos desafios; 30%, para a prova presencial; e 30%, para o desafio final. A média final é o resultado da soma das quatro notas, após aplicadas as correspondentes ponderações.

Para as notas dos desafios, serão utilizados quatro instrumentos:

- Participação nos fóruns de discussão;
- Exercícios *off-line* – são aqueles que você realiza nas horas de estudo e depois envia ao(a) Mediador(a) pelo Ambiente Virtual de Aprendizagem (Moodle);
- Exercícios *on-line* – são aqueles com data e horários pré-estabelecidos para sua realização.

Para o desafio final do percurso, será necessário:

- Trabalho em grupo;
- Apresentação do desafio final.

Referência básica:

- ALMEIDA, M. J. de. **Imagens e sons: a nova cultura oral**. 2ed. São Paulo, SP: Cortez, 2001.
- ANTUNES, C. **Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências**. 8 ed. Rio de Janeiro, RJ: Vozes, 2000.
- BRITO, Teca Alencar de. **Música na Educação Infantil: proposta para a formação integral da criança**. São Paulo: Fundação Peirópolis, 2003.
- CHOMSKY, N. **Linguagem e pensamento**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.
- _____. **Linguagem e Mente** (trad. Lúcia Lobato). Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.
- CORRAZE, J. **As comunicações não-verbais**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1982.
- criança. 2 ed. São Paulo, SP: Fundação Peirópolis, 2003.
- GIRARDELLO, G. **Voz, Presença e Imaginação: A Narração de histórias a as crianças pequenas**. In: 26ª Reunião Anual da Anped. Poços de Caldas – MG. 2003.
- JAPIASSU, R. **A linguagem teatral na escola: pesquisa, docência e prática pedagógica**. Campinas, SP: Papirus, 2007.
- KOUDELA, I.D. **Jogos teatrais**. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- MORA, J. F. **Diccionario de Filosofia**. tomo I, 5ª Ed. Buenos Aires: Sudamericana, 1969.
- PAREYSON, L. **Os Problemas da Estética**. 3a ed. Sao Paulo: Martins Fontes, 2001.
- PENNA, A. G., **Introdução à psicologia da linguagem e do pensamento**. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 2003.
- STENBERG, R. J. **Psicologia Cognitiva**. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1992.
- WEIL, P., TOMPAKOW, R. **O corpo fala: a linguagem silenciosa da comunicação não-verbal**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002

Referência complementar:

- ABRAMOVICH, F. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1993.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **PCN – Educação Infantil**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf>.
- DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- ELLIOT, A J. **A linguagem da criança**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1982.
- FRAUENDORF, R. **Ler é diferente de contar histórias**. Campinas: Escola do Sítio, 2007.
- KISHIMOTO, T. M. R. (org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 1996.
- KOCH, I. V. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 1992.
- LIER, M. F. **O jogo como unidade de análise; aquisição da linguagem**. Uberaba, Faculdades Integradas de Uberaba, 1985. (Série Estudos).
- NALINI, D. **O que fazer após ler uma história para crianças**. In: *Avisa lá*, São Paulo. n.22, p. 38-41, abr. 2005.

PIAGET, J. **O pensamento e a linguagem na criança**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

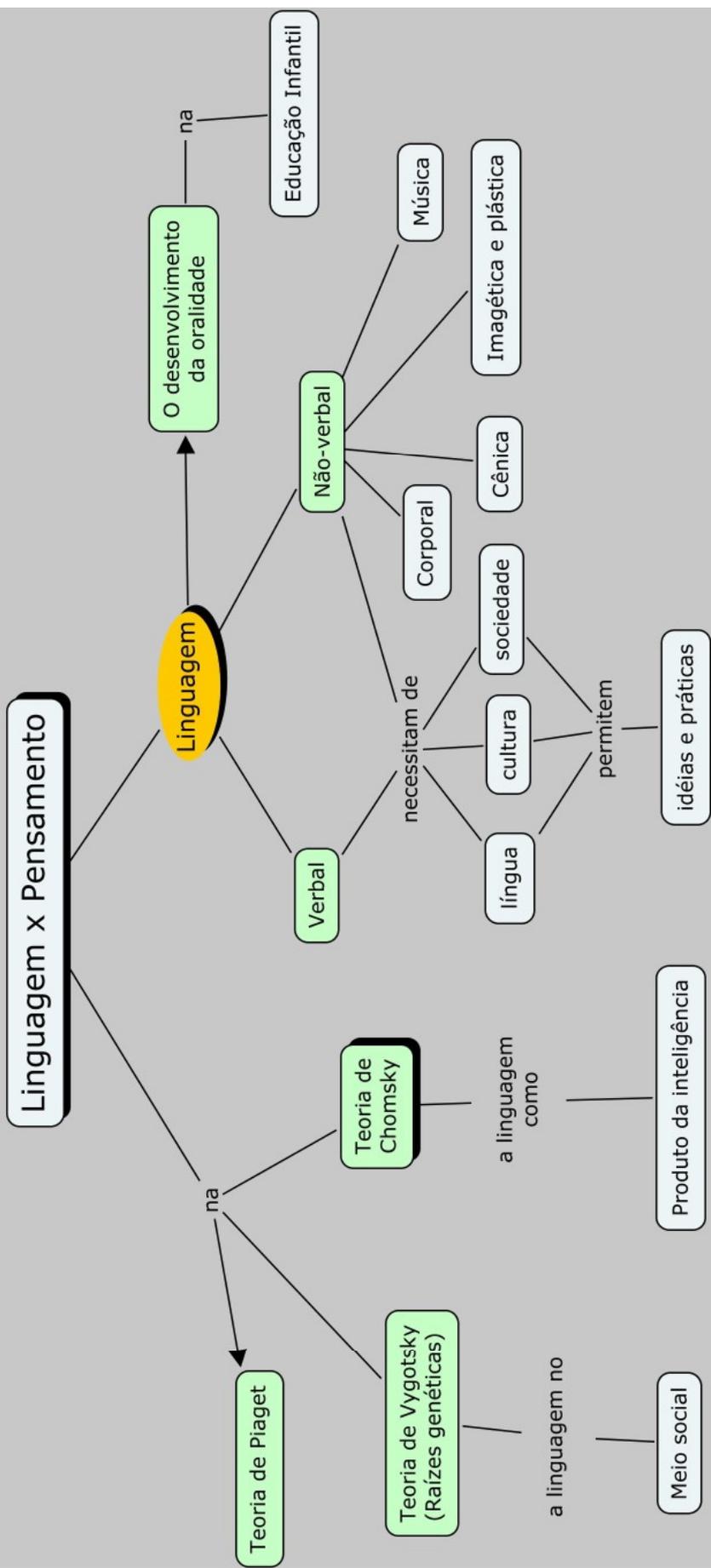
RAHDE, M. B. **Imagem** – Estética moderna & pós-moderna. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

ROSSI, M. H. W. **A compreensão das imagens da arte**. In: Arte & Educação em Revista. Porto Alegre: UFRGS/Iochpe. I: 27-35, out. 1995.

SUZIGAN, G. **Pensamento e linguagem musical - música e educação**. 1ª ed. São Paulo: G4 Edições, 2003.

VYGOTSKY, L. S., LURIA, A. R., LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone Edusp, 1998.

PERCURSO DE LINGUAGEM E PENSAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL I



Designer: Joana Emília Costa

**UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CURSO DE PEDAGOGIA - MODALIDADE A DISTÂNCIA**

Professor-pesquisador: Dr. Luciênio de Macêdo Teixeira

DESEMPENHO NO PERCURSO

Aulas	Desafios	Pontuação	Desempenho obtido	Prazo de finalização
UNIDADE I				
Aula 1	Conceito de pensamento e linguagem	2,5		2ª semana
Aula 2	Síntese sobre as idéias de Piaget	2,5		3ª semana
Aula 3	Dissertação sobre os pensamentos de Vygotsky e Piaget	2,5		4ª semana
Aula 4	Trabalho em grupo sobre os pensamentos de Chomsky, Vygotsky e Piaget	2,5		6ª semana
Total de pontos na Unidade I		10,0		
UNIDADE II				
Aula 5	Produção textual sobre a importância das linguagens	2,5		7ª semana
Aula 6	Atividade em grupo sobre a linguagem corporal	2,5		8ª semana
Aula 7	Fichamento sobre linguagem cênica na escola	2,5		10ª semana
Aula 8	Preenchimento de ficha sobre a linguagem oral e a escrita	2,5		12ª semana
Total de pontos na Unidade II		10,0		
UNIDADE III				
Aula 9	Pesquisa sobre a linguagem imagética e plástica na sala de aula	2,0		13ª semana
Aula 10	Análise das diferenças da linguagem musical.	2,0		14ª semana
Aula 11	Contação de história, celeiro de linguagens	3,0		15ª semana
Aula 12	Atividade prática da contação de histórias	3,0		18ª semana
Total de pontos na Unidade III		10,0		
Avaliação presencial		10,0		Final do Percurso
TOTAL DE PONTOS OBTIDOS NO PERCURSO				

UNIDADE I**UNIDADE II****UNIDADE III****Aula 1****Aula 2****Aula 3****UNIDADE I****Pensamento e Linguagem****AULA 1: CONCEITOS DE PENSAMENTO E LINGUAGEM****Princípios filosóficos sobre pensamento e linguagem**

Quem tem o privilégio de conviver com crianças entre três e cinco anos de idade terá também o encantamento e o prazer de perceber como o pensamento e a linguagem afloram tão intensamente nesse estágio de suas vidas da criança. O desenvolvimento da fala é, talvez, o mais marcante, durante o qual a criança despeja novidades diárias como que vindas aleatoriamente. Dessas observações, podem surgir diversas questões, como por exemplo: Esse desenvolvimento é instintivo ou fruto de uma aprendizagem? É algo individual, social, natural, ou uma mistura de tudo isso?

Antes de falarmos de dois personagens da psicologia da educação, que trabalharam exaustivamente o tema pensamento e linguagem – a saber, Jean Piaget e <Lev Vygotsky>, – veremos, inicialmente, como a Filosofia define pensamento e linguagem.

Embora a contribuição da Psicologia seja mais presente, uma compreensão sobre o que é linguagem e pensamento não pode prescindir do entendimento histórico de como esses conceitos foram sendo construídos ao longo do tempo. Para o objetivo desta aula, a Filosofia torna-se uma verdadeira “porta de entrada” ao contribuir com tal tema desde os <pré-socráticos> até os dias de hoje.

Para a Filosofia, o pensamento é uma entidade atemporal, não espacial, invariável e distinta da ação de pensar. O ato de pensar, por sua vez, é uma ação psíquica, cujo conteúdo ou intencionalidade diz respeito ao pensamento em si. Em outras palavras:

Todo ato de pensar aponta para um pensamento, e todo pensamento indica um conteúdo intencional. No entanto, se o pensar é um acontecimento psíquico, que acontece no tempo e que implica um conjunto de representações, imagens, intuições e expressões, o pensamento, entendido como aquilo que o pensar apreende, é um objeto ideal e, conseqüentemente, está sujeito às determinações que correspondem a tais tipos de objetos (MORA, 1969, p. 387).



Fonte: <http://imagem.vilamulher.com.br/temp/leitura-infantil-050708.jpg>.



O componente curricular Psicologia Educacional II, presente nas Trilhas do Aprendiz volume 3, deve ser revisitado, pois aborda diretamente as contribuições dadas por Piaget e Vygotsky, em especial, as aulas 11 e 12.

O termo pré-socráticos, além de ser uma alusão aos filósofos que vieram antes de Sócrates, refere-se aos que tinham como problema principal buscar o princípio das coisas. Esses filósofos também eram chamados de “naturalistas”.

Como exemplo de pré-socráticos, podemos citar: Tales de Mileto, Heráclito de Éfeso, Pitágoras de Samos, Empédocles de Agrigento, entre outros. Para maiores detalhes, consulte < <http://pt.wikipedia.org/wiki/Pr%C3%A9-socr%C3%A1ticos> >.



UNIDADE I**UNIDADE II****UNIDADE III****Aula 1****Aula 2****Aula 3**

Fonte: <http://files.nireblog.com/blogs/textos-legais/files/pensador1.jpg>



A figura ao lado retrata, através de caricatura, a obra do escultor francês Auguste Rodin (1840-1917), conhecida como O Pensador. Segundo os críticos de arte, a obra representa a figura humana, carregada de sincera preocupação e profunda reflexão sobre o seu destino.

Para algumas correntes filosóficas, o pensamento pode prescindir da Lógica e da Psicologia, embora a Lógica seja uma das formas mais comuns de pensar, e a Psicologia, o instrumento de acesso por excelência. Por fim, a filosofia também nos diz que pensamento e conhecimento são conceitos distintos, já que o conhecimento é um saber que pode ou não ser necessário e que é uma resposta a uma situação histórica, enquanto que o pensamento é algo que o ser humano faz para alcançar a espécie última do saber e que não precisa ser intelectual. Sendo assim, **<o ser humano está mais próximo da necessidade de pensar do que do conhecimento em si>**.

Já a linguagem, ainda na filosofia, foi durante muito tempo confundida com a razão. O motivo era a observação de diferenças entre um ser racional e outro irracional, já que ser um animal racional significa em grande parte ter a capacidade de falar e, ao falar, refletir sobre o universo. Assim, a linguagem equivalia à estrutura inteligível da realidade. Só na Idade Moderna é que surge uma filosofia da linguagem, que irá apresentar dois lados opostos: os que assumiram uma atitude de confiança na linguagem e no seu poder lógico (ênfase dada, principalmente, pelos racionalistas) e uma atitude de desconfiança para com a linguagem (representada, sobretudo, pelos empiristas). Na Filosofia, a linguagem também pode ser compreendida como um jogo no qual, para se entender uma palavra, é preciso compreender seu significado e como funciona dentro do jogo.



Fonte: http://bp2.blogger.com/_YRYBZdiMij0/R2jyInKOToI/AAAAAAAAAQI/PYK88mS8Y_U/s400/RHESUS+LENDO.jpg

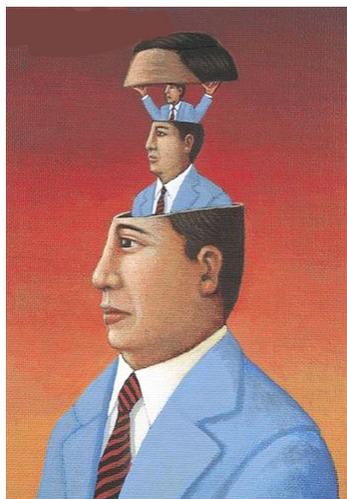
Linguagem e pensamento na Psicologia

Até aqui, o mais importante e que salta aos olhos é a compreensão de que pensamento e linguagem são instâncias distintas, embora exista uma fronteira tênue entre elas. Por essa razão é que, no campo da Psicologia, os investigadores da área oscilavam entre polos antagônicos. Havia os defensores da <homologia>, linguagem-mundo, e os que defendiam, por outro, a <heterogeneidade>, mundo-linguagem.

A tese da homologia permitia a completa fusão entre a ideia e a palavra, enquanto que a tese heterogênea, a total separação entre as duas. Independentemente de quem tenha melhores argumentos científicos, essa separação em dois termos afetará as estruturas de qualquer análise posterior, de acordo com a escolha inicial. Os autores que se colocam no extremo da homologia fundem pensamento e linguagem e, por isso, o problema da relação entre a ideia e a palavra não é resolvido, mas, simplesmente, evitado.

Por sua vez, os que defendem a separação entre pensamento e linguagem passam a ver esta última como uma mera expressão exterior do pensamento, mas também não ganham qualquer vantagem sobre os primeiros, na tentativa de tornar clara a controvérsia. Nesse caso, ao dissociar o pensamento verbal dos seus elementos constituintes, esses investigadores tentam "imaginar" a ligação entre ambos, como se a relação entre os dois processos fosse puramente exterior e mecânica.

Apesar de não haver dúvidas no meio científico sobre as diferenças entre linguagem e pensamento, os estudos realizados enfatizavam, quase sempre, um dos elementos, cabendo ao outro a simples tarefa de ser um auxiliar. Daí, o interesse manifestado por <Vygotsky> em propor um caminho do meio, conforme veremos nas próximas aulas, e em resolver a questão sobre linguagem e pensamento, na tentativa de desmontar o quebra-cabeça posto por essas duas correntes opostas.



Fonte: <http://blog.jferrari.com.br/up/jjf/blog.jferrari.com.br/img/LINGUAGEM.jpg>



Homologia refere-se à qualidade de homólogo que, por extensão, quer dizer equivalente e correspondente, mesmo que haja certa diversidade. Em Linguística, a homologia acontece quando há repetição das mesmas palavras e conceitos em um discurso.

Heterogeneidade é a qualidade de heterogêneo e diz respeito àquilo que é composto por partes distintas, de diferente natureza.

O livro texto, por excelência, deste nosso componente curricular, será *Pensamento e Linguagem*, de Lev Vygotsky, publicado em 1934. Uma das razões para essa escolha é justamente a possibilidade de uma teoria que não seja dicotômica e que exponha uma visão que não tenha o interesse de dar certa primazia ou ao pensamento ou à linguagem. Outra qualidade desse livro é a crítica ao livro de Jean Piaget, *O Pensamento e a Linguagem na Criança*, publicado em 1932. Assim, em uma única obra, é possível entender as ideias desses dois autores.



UNIDADE I	UNIDADE II	UNIDADE III
Aula 1	Aula 2	Aula 3

Ainda sobre a distinção entre os dois conceitos, podemos apontar duas situações que comprovam essas diferenças:



Tendo como base essas duas situações que demonstram a diferença entre pensamento e linguagem, busque fatos ocorridos em sua vida ou de familiares que retratem cada uma delas. Depois, compartilhe com os colegas em nosso fórum.

Situação 1: um pensamento complexo, que não se consegue expressar por falta de domínio de uma linguagem também complexa.

<**Situação 2**>: quando a linguagem se torna capaz de modificar um determinado pensamento, a partir de sua inabilidade de seguir todos os detalhes de fundo que acompanham aquele pensamento, tendo como resultado certo <"**ruído**"> na comunicação e conseqüente deturpação do mesmo.

O estudo sobre pensamento e linguagem é de fundamental importância, não apenas na Psicologia, mas também pelos seus efeitos em outras áreas do conhecimento, como na Comunicação e na <**Educação**>. Como estamos tratando de educação infantil, a Psicologia, em termos gerais, assim expõe o processo de aquisição da linguagem entre os seis meses e os dez anos de idade:

- Aos seis meses, a criança gera vários sons sem significado. Em geral, é a fase da tagarelice, na qual a criança alterna momentos de silêncio com a articulação de sons vazios de sentido;
- Por volta de um ano de vida, começam a surgir as primeiras palavras que significam frases completas, como também a extensão abusiva de palavras, em que, por exemplo, tudo o que tiver pelo e quatro patas é chamado de cachorro;
- A partir dos 18 meses, a criança começa a juntar duas palavras e, gradativamente, pode chegar até oito ou mais. A fase seguinte é a qualificação das frases, com a distinção, por exemplo, entre masculino e feminino, singular e plural;
- Próximo dos seis anos de idade, já há um domínio significativo da linguagem, que irá se aperfeiçoando paulatinamente até os dez anos de idade.



Fonte: http://2.bp.blogspot.com/_ier_s3spVKg/SKSoJao-XsI/AAAAAAAAAkc/HhUL3y8E1SQ/s320/c81e855ae5f5.jpg

Outra informação importante para nossas futuras aulas é a compreensão de que, para a Psicologia, existem vários tipos de linguagem, com características próprias, e que estão no âmbito da educação infantil. Sobre isso, os dois expoentes da Psicologia ligada à educação infantil são <**Piaget e Vygotsky**>. É importante registrar que, entre ambos, existem semelhanças de pensamento, mas também diferenças, pois, do ponto de vista temporal, é Vygotsky quem faz críticas ao trabalho de Piaget e traz contribuições para ele.



Ruído, na teoria da comunicação, é compreendido como qualquer tipo de distúrbio ou deformação que não permite total fidelidade entre o emissor e o receptor, seja a comunicação sonora, visual, escrita etc.



Para pontuar a importância da linguagem e do pensamento, nas práticas curriculares da educação infantil, consulte a aula 2 da primeira unidade do componente curricular Seminários Temáticos de Prática Curricular I (Trilhas do Aprendiz vol. 2, p. 325-327) e observe o destaque dado às diferentes linguagens.

Procure fazer uma releitura das aulas 7 e 8 do componente curricular Psicologia Educacional II (Trilhas do Aprendiz, vol. 3, p. 39-47), atentando para as contribuições dadas por Piaget e por Vygotsky sobre pensamento e linguagem.

UNIDADE I**UNIDADE II****UNIDADE III****Aula 1****Aula 2****Aula 3**

Sobre os dois, podemos expor as seguintes diferenças:

- Piaget particulariza o desenvolvimento biológico, enquanto Vygotsky, o ambiente social;
- Piaget coloca o conhecimento como sendo espontâneo na criança; Vygotsky já entende que o conhecimento caminha do social para o individual, já que a criança nasce em um mundo social;
- Enquanto Vygotsky entende que desenvolvimento e aprendizagem são processos que se autoinfluenciam, Piaget não vê ascendência da aprendizagem no desenvolvimento, minimizando a interatividade social.

É a partir dessas informações básicas, oriundas da Psicologia, que iremos trabalhar o conteúdo de nossas próximas aulas, enfatizando não apenas os aspectos teóricos que envolvem a linguagem e o pensamento (Unidade I), mas também buscando sugerir posturas práticas e plausíveis de serem desenvolvidas em sala de aula (Unidades II e III). A compreensão dos conceitos presentes nas obras de Piaget, de Vygotsky e de Chomsky será determinante para os trabalhos posteriores. Apesar de a carga de leitura ser relativamente alta, nessas primeiras aulas, ela será paulatinamente sendo absorvida nas atividades práticas que desenvolveremos. Avante, caríssimo(a) aprendente!

**Tecendo um fio condutor:**

Na aulas seguintes desta unidade, exploraremos as ideias de Piaget, de Vygotsky e de Chomsky. Na Unidade II, a ênfase será dada à linguagem não-verbal, a partir da linguagem corporal e da linguagem cênica. Por fim, na Unidade III, trabalharemos a linguagem das imagens, da música e, para síntese das linguagens trabalhadas, a "contação" de histórias e os jogos verbais e pré-verbais. Vamos ao desafio!

**DESAFIO**

Leia o artigo <"**Linguagem e pensamento: visão (supra) comunicativa acerca da linguagem**"> (SILVEIRA, PERGHER, GRASSI-OLIVEIRA, 2005) , procure identificar a principais ideias contidas em cada um dos seus itens do artigo (introdução, A visão comunicativa acerca da linguagem (VCAL) etc.).

O que você deve realizar...

<**Assista ao vídeo de curta-metragem, InFormação**> (produção do Curso de Arte e Mídia – UFCG) e produza um texto (de, no máximo, meia lauda), fazendo ligações entre o vídeo, o artigo e os conceitos de pensamento e de linguagem vistos até aqui. Conceitue estes dois últimos com suas palavras, lembrando que sua definição deverá ser compartilhada em nosso fórum.



Veja o artigo em: <<http://www.cienciasecognicao.org/pdf/v06/m23553.pdf>> e no CD-ROM da Trilhas. Vol 5

Disponível: <http://br.youtube.com/watch?v=17_eylRTy4Y> e no CD-ROM das Trilhas.

UNIDADE I	UNIDADE II	UNIDADE III
Aula 1	Aula 2	Aula 3
		Aula 4

AULA 2: A TEORIA DE PIAGET SOBRE A LINGUAGEM E O PENSAMENTO

Olá, caríssimos/a aprendentes! Cá estamos em nossa segunda aula. Se vocês perceberam, finalizamos a aula anterior sem definir formalmente os termos pensamento e linguagem, em especial, na Psicologia ou na Educação Infantil. Na aula passada, nosso desejo era de que, ao final, tivéssemos a oportunidade de, individualmente, definir esses dois conceitos e, se possível, chegarmos a um consenso. Portanto, o mais importante, até aqui, é o entendimento de que estamos tratando de conceitos distintos e que, de acordo com o tipo de relacionamento ou de interdependência entre eles, seremos direcionados para caminhos também diversos, no que diz respeito às pesquisas e aos seus resultados que envolvem pensamento e linguagem.

Outro ponto importante a destacar é que devemos ter em mente que os conceitos de pensamento e de linguagem foram também construídos dentro do escopo do que cada pesquisador desenvolveu. Não há, no entanto, muita discrepância entre eles, do ponto de vista da concepção inicial, do conceito em si, mas sim, de como ele se desenvolve na criança, suas nuances e inter-relações. Nesta aula, trataremos, diretamente, da concepção de Piaget sobre **<pensamento e linguagem>**.



Fonte: http://www.unesco.org/education/educprog/50y/brochure/images/71_c.jpg

Piaget e o pensamento, um pouco mais...

Há um consenso de que o início da pesquisa de Piaget foi motivado pelo desejo de resolver os problemas de ordem **<epistemológica>**. A opção por esse caminho, obrigatoriamente, deveria passar pelo estudo da lógica e da linguagem e como esses dois aspectos se comportam, do ponto de vista epistemológico.

Segundo **<Montoya (2006, pg.120)>**, é nesse contexto de preocupação teórica, que se realizam os primeiros estudos sobre o desenvolvimento do pensamento e da linguagem da criança. A passagem do egocentrismo infantil para a objetividade e para o pensamento lógico encontra-se, segundo esse autor [Piaget], estreitamente relacionada à linguagem socializada, isto é, à linguagem, cujos termos e conceitos são compartilhados por todos os membros do grupo, a qual tem uma estrutura lógica.

Para Piaget, tanto o pensamento quanto a linguagem teriam uma filiação genética, um lineamento que perpassa por três formas de pensamento, em que o pensamento seguinte sobrepuja o anterior. São elas:



Para minimizar a repetição das ideias de Piaget, já trabalhadas ao longo de outros componentes curriculares, iremos nos ater apenas no que concerne ao pensamento e à linguagem. Do que já foi tratado, além do componente curricular Psicologia Educacional II, presente na Trilha do Aprendiz volume 3, há, também, Psicologia Educacional I e os Seminários Temáticos de Prática Curricular I, ambos das Trilhas do Aprendiz volume 2.



Epistemologia é o conjunto de conhecimentos que têm por objeto o conhecimento científico, visando explicar seus fenômenos, sejam eles técnicos, históricos, sociais, lógicos, matemáticos ou linguísticos. Resolver os problemas de ordem epistemológica é tentar explicar como o sujeito conhece e explica, de maneira objetiva, o mundo.



Leituras: MONTOYA, Adrián Oscar Dongo. **Pensamento e Linguagem: Percorso Piagetiano de Investigação.** In: Revista Psicologia em Estudo, v. 11, nº 1, Janeiro/Abril. Maringá, 2006, p. 119-127. Disponível também no CD-ROM da Trilhas. Vol 5.

UNIDADE I

UNIDADE II

UNIDADE III

Aula 1

Aula 2

Aula 3

Aula 4



- o pensamento autístico,
- o pensamento egocêntrico e
- < o pensamento inteligente > .

< Piaget (*apud* Vygotsky, 2007, p. 10) > descreve o pensamento autístico da seguinte forma:

O pensamento autístico é subconsciente, isto é, os objetivos que ele persegue e os problemas que põe para si próprio não se encontram presentes na consciência. Não se encontra adaptado à realidade externa, antes, cria para si próprio uma realidade de imaginação ou de sonhos.

Tende, não a estabelecer verdades, mas a recompensar desejos e permanece estritamente individual e incomunicável enquanto tal, por meio da linguagem, visto que opera, primordialmente, através de imagens e, para ser comunicado, tem que recorrer a métodos indiretos, evocando, por meio de símbolos e mitos, os sentimentos que o guiam.



Fonte: <http://byfiles.storage.msn.com/y1pNUqwlFAsamgTCikYf5BO-P2EA1cHokXn02Bb4-B7urHmWtcGhaYTKc6Qflf2jb8Z>

A teoria piagetiana teve diversas influências e vínculos com tendências da filosofia, como por exemplo, as noções de **pensamento primitivo**, emprestado de Levy-Bruhl; o conceito de **pensamento autístico** desenvolvido por Blondel, e os conceitos de **consciência mórbida e princípio do prazer**, extraídos das obras de Freud.

Vygotsky, L. S. **Pensamento e linguagem**. Ebook, 2007. Disponível em <<http://www.ebookcult.com.br/acervo/livro.php?L=155&cat=LAN000000>>. Acesso em FEV 2009.



A tônica aqui são as vontades orgânicas e, principalmente, a necessidade de brincar que, para Piaget, é dirigida por leis criadas pela própria criança e também associada ao "princípio do prazer".

Já o pensamento egocêntrico, ou intermediário, é assim definido:

O pensamento egocêntrico se caracteriza por suas "centrações", ou seja, em vez de adaptar-se objetivamente à realidade, ele a assimila à ação propriamente dita, deformando as relações segundo o "ponto de vista" desta última. Daí o desequilíbrio entre a assimilação e a acomodação, do qual constatamos os efeitos no curso da fase pré-conceptual. Em consequência, é evidente que a evolução se fará no sentido do equilíbrio, ou seja, da descentração. O pensamento intuitivo marca, a esse respeito, um primeiro progresso, na direção de uma coordenação que encontrará sua realização com os grupamentos operatórios <(PIAGET, 1964, p. 361)>.

Por se assimilar à ação em si mesma, o pensamento egocêntrico é pautado no sonho, na fabulação, em que a brincadeira é a lei suprema. Para Piaget, o egocentrismo é a lógica tanto do pensamento quanto da atividade infantil.



PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança**. 3ª Ed. Ebook. Disponível em <<http://www.esnips.com/doc/b4012566-e59a-4798-97e3-ada6ca9fc501/Jean-Piaget--->>

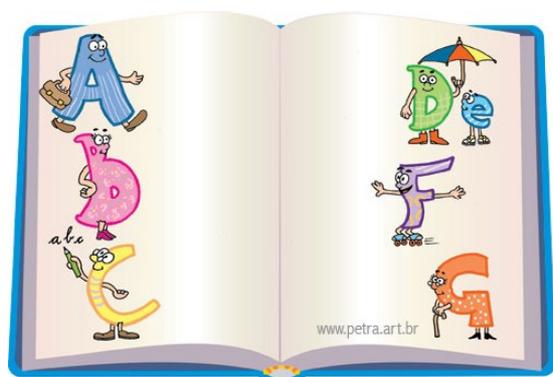
UNIDADE I	UNIDADE II	UNIDADE III
Aula 1	Aula 2	Aula 3
		Aula 4

Por fim, o pensamento inteligente, ou pensamento dirigido, que é a forma última e definitiva do pensamento, tem seu começo por volta dos sete/oito anos de idade. Por estar no lado oposto ao pensamento autístico, o pensamento dirigido é consciente, social, imposto pelo meio e, conseqüentemente, externo à criança.

Piaget e a linguagem...

Piaget divide a linguagem em duas possibilidades:

- a linguagem egocêntrica e
- a linguagem socializada.



Fonte: http://petragaleria.files.wordpress.com/2007/11/2007_book_livro_abc.jpg

Na linguagem egocêntrica, de maneira similar ao pensamento egocêntrico, há uma "centração", ou seja, a criança fala apenas de si, pois não há a tentativa de se ter o ponto de vista do interlocutor. Já a linguagem socializada apresenta uma maior interação com o meio, onde a criança interage com o outro através de pedidos, ordens, ameaças, perguntas etc. Não há, no caso da linguagem socializada, analogia direta com o pensamento socializado, já que, nessa forma de linguagem, há ainda manifestação do pensamento egocêntrico.

Piaget entende que o pensamento egocêntrico vai além da linguagem egocêntrica e está presente, por exemplo, quando o adulto se encontra só, sendo diferente da criança, que apresenta essa forma de pensamento mesmo quando está em sociedade. O motivo para isso é que a criança, ao se expressar por meio das palavras, não tem as condições de fala para exprimir todos os seus pensamentos que, por essa razão, continuam sendo egocêntricos.

Essa aparente deficiência da fala será minimizada pelo uso da brincadeira, da mímica e dos gestos, como forma de linguagem comunicativa entre ela, os adultos e as outras crianças. Segundo Piaget, é por volta dos sete a oito anos de idade que a brincadeira, a mímica e os gestos darão maior espaço para as palavras.

Ele defende que a linguagem, assim como todo processo de desenvolvimento, faz sua evolução do individual para o coletivo. A necessidade de falar da criança é, para ele, fruto da necessidade de se organizar, sem nenhum interesse pelo seu interlocutor e de maneira tão centrada em si que, mesmo diante de uma situação social, sua fala é egocêntrica, pois termina por se achar compreendida, demonstrando sua incapacidade de se colocar no lugar do outro. Por essas razões, a causa para esse egocentrismo, segundo Piaget, é psicológica.

Assim, é a partir de um pensamento individual e sem comunicação (autístico) que se chega ao pensamento socializado, fruto da progressiva adaptação da criança ao coletivo. Para Piaget, o meio social e a linguagem são os condicionantes essenciais para o desenvolvimento progressivo do pensamento infantil. Sobre a dicotomia entre pensamento autístico e pensamento socializado, ele refere:

(...) obedece, em grande parte, ao fato de que a inteligência, precisamente porque se socializa progressivamente, procede, cada vez mais, por conceitos, em virtude da linguagem que liga o pensamento às palavras, enquanto o autismo, precisamente porque permanece individual, continua ligado à representação por imagens, à atividade orgânica e aos movimentos. O fato de contar seus pensamentos, de transmiti-los aos outros ou de calar ou falar somente consigo mesmo, deve ter, portanto, uma importância primordial na estrutura e no funcionamento do pensamento, em geral, e da lógica da criança, em particular (PIAGET, 1999, p.43) .

UNIDADE I**UNIDADE II****UNIDADE III****Aula 1****Aula 2****Aula 3****Aula 4**

Há também aqui uma divergência conceitual entre Piaget e Vygotsky, para quem a linguagem é um instrumento psicológico intelectual de mediação, conforme veremos na próxima aula.

Nesse processo de egocentrismo, a criança vê o mundo a partir da perspectiva pessoal, assimilando tudo para si e sob seu próprio ponto de vista, estando o pensamento e a linguagem centrados nela. Em outras palavras, a psicologia de Piaget está fundamentada na ideia de equilíbrio e desequilíbrio, em um movimento dialético constante, no qual o egocentrismo é, ao mesmo tempo, obstáculo e estímulo para a aquisição do pensamento e da linguagem.

Piaget concebe que a linguagem é conceituada como um sistema de signos coletivos, que está em conformidade com os esquemas de ação e de pensamento do <sujeito>.

**DESAFIO**

A partir do que foi apreendido nesta aula e nas leituras complementares, faça uma síntese das principais ideias de Piaget sobre pensamento e linguagem. Assista ao vídeo <**Piaget e o desenvolvimento**> e expresse sua opinião sobre a frase "Há uma lógica no erro", considerando o que esse pensador propõe sobre pensamento e linguagem.

Vamos compartilhar nossas reflexões no fórum. Mãos à obra!



Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=6900fP-y1ek&NR=1>> e no CD-ROM das Trilhas. Vol 5.

UNIDADE I	UNIDADE II	UNIDADE III
Aula 1	Aula 2	Aula 3

AULA 3: A TEORIA DE VYGOTSKY SOBRE AS RAÍZES GENÉTICAS DO PENSAMENTO E DA LINGUAGEM

Olá, aprendentes! Nossa terceira aula continua com as pesquisas teóricas a respeito do pensamento e da linguagem na educação infantil. Relembrando o que estudamos na aula passada, é importante compreender que a pesquisa de Vygotsky, apesar de contemporânea à de Piaget, só foi “descoberta” pelo mundo ocidental décadas depois. Nesta aula, abordaremos alguns dos aspectos da pesquisa de Vygotsky sobre o tema do nosso componente curricular. Com esta aula, concluiremos parte de nossa espiral ascendente, do ponto de vista teórico, lembrando que, a partir da Unidade II, a ênfase será nas diversas modalidades de linguagem não-verbal e na sua aplicação em sala de aula.

Com esse intuito, conforme iniciamos a aula passada, é preciso entender como o estudo do pensamento e da linguagem foi evoluindo a partir da contribuição desses dois pesquisadores, apesar da divergência teórica em alguns aspectos. As teorias psicológicas cognitivistas de Piaget e de Vygotsky, embora tenham pontos divergentes, acabam por apresentar pontos em comum, por exemplo, com relação à linguagem, já que ambos concordam que a função da linguagem é a da comunicação geral, e que a fala se diferencia em egocêntrica e comunicativa.

Vygotsky, a linguagem e o meio social



Fonte: <http://vygotskydocumentary.com/images/vygotsky.jpg>

A inserção da criança em um meio social, como por exemplo, a família, é, para Vygotsky, o elemento que determina as primeiras vinculações com a linguagem e a sua interatividade com seus interlocutores. Essa mediação acontece de forma espontânea, sendo que os resultados se apresentam não apenas pela mediação em si, refletindo no pensamento, mas também com a própria linguagem sendo modificada durante o processo de apropriação do conhecimento social.

[...] o desenvolvimento do pensamento é determinado pela linguagem, ou seja, pelos instrumentos linguísticos do pensamento e pela experiência sociocultural da criança. Fundamentalmente, o desenvolvimento da lógica na criança, como o demonstraram os estudos de Piaget, é função direta do seu discurso socializado. Seu crescimento intelectual depende do domínio dos meios sociais de pensamento, ou seja, da linguagem (<**VYGOTSKY**>, 2007, p. 27).



Vygotsky, L. S. **Pensamento e Linguagem**. Ebook, 2007. Disponível em < <http://www.ebookcult.com.br/acervo/livro.php?L=155&cat=LAN000000>>. Acesso em FEV 2009.



O livro *Pensamento e Linguagem*, de Vygotsky, está disponível em e-livro pela internet. Sua leitura é indispensável para o educador que pretende conhecer os meandros do pensamento e da linguagem. Além de trazer grande parte do pensamento vygotskiano, traz também uma crítica ao trabalho de Piaget, discutindo os aspectos divergentes entre esses dois pesquisadores. Disponível no CD-ROM das trilhas. Vol 5.

UNIDADE I**UNIDADE II****UNIDADE III****Aula 1****Aula 2****Aula 3****Aula 4**

Assim, para Vygotsky, o homem se produz na e pela linguagem. Na linguagem, entenda-se através da interação com o coletivo, e pela linguagem, através da dinamicidade inerente àquilo que está em desenvolvimento. Ao entendermos que toda relação entre o ser humano e o mundo é uma relação mediada, entendemos também que existem elementos que nos auxiliam na atividade de aquisição e de descoberta do mundo. É o esforço do ser humano que, em simbiose com aquilo que a natureza nos proporciona, apresenta como resultado a cultura e a história, sendo que os elementos próprios para tal atividade podem ser encontrados nas relações sociais, nas atividades coletivas e no uso de instrumentos.



Fonte: http://www.holoseduca.com.br/site2006/upimagens/primeir_seman_tard_04.jpg

Para explicar as formas mais elevadas do comportamento humano, temos que pôr a nu os meios através dos quais o homem aprende a organizar e dirigir o seu comportamento. Todas as funções psíquicas de grau mais elevado são processos mediados, e os signos são os meios fundamentais utilizados para dominar e orientar. O signo mediador é incorporado à sua estrutura, como parte indispensável, a bem dizer fulcral, do processo total. Na gênese do conceito, esse signo é a palavra que, a princípio, desempenha o papel de meio de formação de um conceito, transformando-se, mais tarde, em símbolo (VYGOTSKY, 2007, p. 29).

A capacidade humana para a linguagem faz com que as crianças providenciem instrumentos que as auxiliem na solução de tarefas difíceis, que planejem uma solução para um problema e que controlem seu comportamento. Dessa maneira, signos e palavras são para as crianças um meio de contato social com outras pessoas. Para Vygotsky, signos são mediadores que facilitam e auxiliam alguma das **<funções psicológicas superiores>**, como a **<atenção voluntária, a memória lógica, a formação de conceitos>** etc.

Assim, por volta dos dois anos de idade, a fala da criança torna-se intelectual, generalizante, com função simbólica, e o pensamento passa a ser verbal, sempre mediado por significados fornecidos pela linguagem. Segundo Vygotsky, isso se deve ao contato da criança com o meio cultural que a cerca, destacando-se, aqui, a influência da linguagem estruturada dos adultos e a importância da cultura e do meio coletivo.



Vygotsky entende por função psicológica superior a combinação entre instrumento e o signo na atividade psicológica. Em outras palavras, é com o auxílio dos instrumentos psicológicos, os signos, dos quais a linguagem é o mediador social por excelência, que o homem pode controlar sua atividade psicológica (VYGOTSKY, Lev Semenovich. A formação social da mente. Trad. de José Cipolla Neto, Luís Silveira Mena Barreto e Solange Castro Afeche. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998).



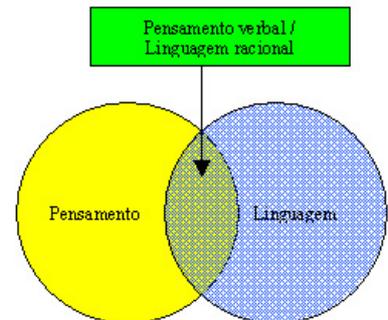
Atenção voluntária: é aquela que exige certo esforço, no sentido de orientar a atividade psíquica para determinado fim. **Memória lógica:** é uma forma interna de memorização mediada. **Formação de conceitos:** se dá a partir "do momento em que a criança descobre que tudo tem um nome, cada novo objeto que surge representa um problema que ela resolve, atribuindo-lhe um nome. Quando lhe falta a palavra para nomear este novo objeto, a criança recorre ao adulto. Esses significados básicos de palavras, assim adquiridos, funcionarão como embriões para a formação de novos e mais complexos conceitos (Vygotsky, 2007, p. 3).



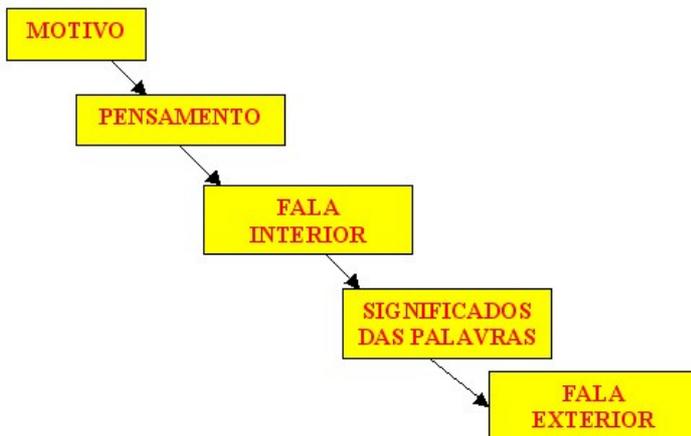
É através do significado das palavras que linguagem e pensamento se unem, segundo Vygotsky, fazendo surgir o pensamento verbal e a linguagem racional, conforme a figura ao lado.

Para Vygotsky, o desenvolvimento do pensamento e da linguagem se dá em três estágios, em que o início é pela influência da fala social, passando pela fala egocêntrica, até atingir a fala interior, que é o pensamento reflexivo.

Nesse movimento, a fala egocêntrica desempenha o papel de ligação entre o coletivo e o reflexivo. Ao mesmo tempo em que a criança interage com a fala do outro, ela mesma passa a falar para si. Esse "falar para si" passa a ter a funcionalidade de autorregulação que, conseqüentemente, resultará em maior controle de suas ações. Vygotsky concebe que é a fala egocêntrica que irá indicar a trajetória da criança, partindo dos processos socializados para os processos internos, conforme mostra a figura abaixo.



Fonte: <http://www.caleidoscopio.psc.br/ideias/imagenstextos/disse05.jpg>



Fonte: <http://www.caleidoscopio.psc.br/ideias/imagenstextos/disse07.jpg>

Linguagem egocêntrica: o ponto de ruptura

Preste atenção no trecho abaixo, extraído do livro *Pensamento e Linguagem*, de Vygotsky:

Nas nossas experiências, as crianças mais velhas se comportavam de forma diferente das mais novas, quando se encontravam face a face perante certos obstáculos. Frequentemente, as crianças examinavam a situação em silêncio, e encontravam, posteriormente, uma solução. Quando inquiridas sobre o que estavam a pensar, davam respostas que se assemelhavam bastante ao pensamento em voz alta das crianças em idade pré-escolar.

Isso indicaria que, na criança em idade escolar, encontram-se relegadas para o discurso interior sem som as mesmas operações mentais que a criança em idade pré-escolar leva a cabo em voz alta, por meio do discurso egocêntrico. É claro que, em Piaget, não há nada nesse sentido, pois esse autor pensa que o discurso egocêntrico desaparece, simplesmente. O desenvolvimento do discurso interno nas crianças merece pouca dilucidação específica. Mas, como o discurso interior e o egocentrismo oralizado preenchem as mesmas funções, a conclusão a tirar daqui seria de que se, como Piaget defende, o discurso egocêntrico precede o discurso socializado, então o discurso interior também precede o discurso socializado – pressuposto que, do ponto de vista genético, é insustentável” (Vygotsky, 2007, p. 13-14).

Dilucidar: elucidar, tornar claro, esclarecer, explicar.

O que Vygotsky observou e relatou, no texto acima, foi que deve existir uma motivação exterior, o contato com o coletivo, de onde surge o pensamento e, em seguida, a fala interior, o significado das palavras e a fala exterior. O que chama a atenção é a permanência da linguagem egocêntrica, sendo que, próximo dos sete anos, a criança fala enquanto tenta resolver um problema (linguagem aberta) e, após essa idade, ela passa a escutar, a refletir e a encontrar a solução (linguagem silenciosa). No adulto, a linguagem egocêntrica é bem mais rica e compõe tudo aquilo que pensamos em silêncio.

UNIDADE I**UNIDADE II****UNIDADE III****Aula 1****Aula 2****Aula 3****Aula 4**

Essas semelhanças nos levam a presumir que, quando desaparece da vista, o discurso egocêntrico não se atrofia pura e simplesmente, antes, continua o seu curso e “mergulha nas profundidades”, isto é, transforma-se em discurso interior. Na nossa observação, segundo a qual, na idade em que essa modificação ocorre, as crianças que experimentam dificuldades passam a recorrer tanto ao discurso egocêntrico quanto ao silencioso. A reflexão silenciosa indica que esses dois discursos podem ser funcionalmente equivalentes (idem, p. 13).

Vygotsky nos diz que o destino da linguagem egocêntrica não é o de se extinguir, mas de se transformar em linguagem interior, ou interiorização. Assim, a criança vai, aos poucos, abstraindo a palavra falada. Ele assevera que a reflexão silenciosa pode equivaler à linguagem egocêntrica, surgindo no início da idade escolar, e que o destino da linguagem egocêntrica não é a expressão direta do pensamento egocêntrico, mas que, ao transparecer como discurso interior, também pode se assemelhar ao discurso social, já que, com ela, a linguagem torna-se um meio de comunicação. Ao contrário do que pensava Piaget, Vygotsky compreende o percurso da linguagem como indo do exterior para o interior, do social para o individual.

Outro resultado das pesquisas piagetianas contestado por Vygotsky é o que coloca a linguagem egocêntrica sem função planejadora, aparecendo e desaparecendo na criança, junto com seu egocentrismo, fazendo surgir a linguagem social.

Agora que estamos de posse de alguns dos resultados das pesquisas sobre pensamento e linguagem, segundo Piaget e Vygotsky, resta-nos compreender como tais estudos podem ser aplicados aos trabalhos que envolvem as linguagens verbais e, especificamente, as não-verbais. O desafio que trazemos para vocês é o de refletir sobre as informações trazidas nessas três aulas, em busca do elo entre teoria e prática. Como complemento informativo para este desafio, sugiro a busca de novas informações em livros, na rede digital e nos debates já ocorridos com os diversos agentes, sejam do curso ou de fora dele. Este desafio pode ser realizado em grupos de até cinco aprendentes.

**DESAFIO**

Aponte as diferenças e as semelhanças entre as conclusões apresentadas por Piaget e por Vygotsky em seus trabalhos (máximo de uma lauda). Para isso, você deve fazer a leitura do capítulo 2, do livro *Pensamento e Linguagem – A teoria de Piaget sobre a linguagem e o pensamento das crianças* –, como subsídio para uma compreensão mais profunda dessas diferenças. O trabalho deve ser enviado em arquivo único, postando-o no nosso ambiente virtual de aprendizagem Moodle. Em caso de dúvidas contacte o(a) seu(sua) mediador(a).

UNIDADE I	UNIDADE II	UNIDADE III
Aula 1	Aula 2	Aula 3
		Aula 4

AULA 4: A LINGUAGEM COMO PRODUTO DA INTELIGÊNCIA NA TEORIA DE CHOMSKY

Olá, estimado(a) aprendiz! Estamos chegando ao final de nossa primeira unidade. Até aqui, tivemos a presença marcante de dois grandes teóricos da linguagem e do pensamento infantil: Piaget e Vygotsky. Evidentemente, suas teorias têm muita força, principalmente nos dias atuais. No entanto, não podemos esquecer outros pesquisadores que deram contribuições importantes para essa área do conhecimento. Pela impossibilidade de aprofundar cada uma das correntes teóricas sobre o desenvolvimento do pensamento e da linguagem, nesta quarta aula, vamos abordar esse tema, partindo da linguística e de como essa ciência pode contribuir com a psicologia.

Antes de expor as ideias acerca desse assunto, apresentamos um resumo das principais correntes da <**Psicologia do Desenvolvimento**>:

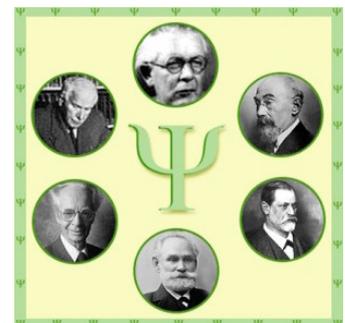


A Psicologia do desenvolvimento estuda as mudanças de comportamento ao longo da vida de uma pessoa, tendo como parâmetros as habilidades motoras, de solução de problemas, de entendimento conceitual, de aquisição de linguagem, de entendimento da moral e de formação da identidade.



O neodarwinismo combina a evolução das espécies, tendo como base a genética, através da herança biológica proposta por Gregor Mendel.

- John Watson e B. F. Skinner são os representantes do behaviorismo, também conhecidos como teóricos ambientalistas. Essa corrente estabelece como explicação para o comportamento, inclusive o verbal, uma série de variáveis comportamentais, fisiológicas e ambientais, ficando os aspectos mentais fora desse escopo. Para os ambientalistas, as crianças são como "cadernos em branco", que vão aprendendo a partir de processos de imitação ou de reforço;
- Piaget encaixa-se na teoria construtivista, segundo a qual, conforme vimos, o desenvolvimento da criança é construído pela ação mútua entre o desenvolvimento biológico e as interações com o meio;
- Na mesma linha, mas com algumas variações, temos a abordagem sociointeracionista de Vygotsky, que coloca em primeiro plano as relações de troca entre parceiros sociais, através de processos de interação e mediação;
- Há também a perspectiva da psicologia evolutiva, que propõe explicar características mentais e psicológicas, incluindo aqui a linguagem, como fruto das adaptações que a evolução humana vem sofrendo ao longo do tempo. A base da psicologia evolutiva, ou evolucionista, está na Teoria da Evolução, de Darwin, e na genética mendeliana, conhecida como <**neodarwinismo**>. O influenciador de tal corrente é Fodor, segundo o qual, o desenvolvimento humano se dá na evolução das características humanas e nas variações individuais, como produto de



Fonte: http://linux.alfamaweb.com.br/sgw/banco_de_imagens/piodecimo/080404230042_2.jpg

uma interação de mecanismos genéticos e ecológicos, envolvendo experiências únicas de cada indivíduo desde antes do nascimento;

- A visão psicanalítica procura entender o desenvolvimento humano, a partir das motivações conscientes e inconscientes, e os conflitos internos durante a infância e depois dela;
- Por fim, a teoria inatista, que tem seu expoente nas pesquisas de Noam Chomsky, para quem as crianças já nascem com tudo aquilo de que precisam na sua estrutura biológica para se desenvolver; nada é aprendido no ambiente, e sim, apenas disparado por ele.

UNIDADE I**UNIDADE II****UNIDADE III****Aula 1****Aula 2****Aula 3****Aula 4****Um pouco de Chomsky e sua teoria inatista**

Noam Chomsky é linguista e professor de linguística. A ênfase de seu trabalho está diretamente ligada à linguagem, ficando o pensamento no trabalho de delimitação do objeto. Chomsky afirma que a capacidade dos seres humanos para falar é geneticamente determinada e faz parte do código genético da espécie, de maneira análoga ao pássaro que aprende a voar. O caminho para o desenvolvimento da linguagem se faz por analogia e por tentativa e erro, até a criança conseguir internalizar as estruturas linguísticas. Por exemplo, ao dizer "mais melhor", ela está associando essa expressão com o uso do "mais grande"; ou, ao dizer "eu fazi", ao invés de "eu fiz", está estabelecendo uma relação com outros verbos finalizados em i. Portanto, qualquer criança que não apresente qualquer déficit neurológico tem capacidade de adquirir a linguagem, não importando sua origem ou raça dessa criança. Qualquer que seja sua nacionalidade, ela aprenderá a falar o idioma ao qual for exposta em seu meio.

Para Chomsky,

[...] a melhor maneira de conceber uma parte fundamental do que chamamos "aprendizagem" é entendê-la como o desenvolvimento de estruturas cognitivas, segundo uma direção orientada internamente, sob o efeito acionador e parcialmente moldador do meio ambiente. No caso da linguagem humana, o efeito moldador é evidente: as pessoas aprendem línguas diferentes, como reflexo das diferenças que se apresentam no meio ambiente verbal em que vivem (CHOMSKY, *apud* Penna, 2003, p 77) .



Gramática Universal pode ser entendida como um conjunto de princípios e parâmetros que permitem a uma criança normal o desenvolvimento da linguagem durante os seus primeiros anos de vida, a partir da exposição à sua língua materna. Para os pesquisadores dessa linha, os princípios são responsáveis pelos aspectos comuns a todas as línguas humanas, enquanto os parâmetros explicam a variação encontrada entre as línguas.



O inatismo, genericamente falando, tem suas raízes na mais remota antiguidade e antes mesmo do surgimento da filosofia, através das religiões reencarnacionistas que apresentavam algumas ideias advindas da concepção de reencarnação etc. Na filosofia, é Platão (Séc. V) quem apresenta sua "doutrina da reminiscência" como justificativa para a aprendizagem que, segundo ele, é uma capacidade da alma de lembrar de alguma coisa. O inatismo moderno tem início com Cherburry (1582-1648), quando se refere às coisas próprias da natureza humana. Para saber mais, visite < <http://blog.franklingoldgrub.com/2008/09/14/chomsky-e-o-inatismo/>>.

Nesse sentido, Chomsky diz que o conhecimento de uma língua requer a noção de < **Gramática Universal** > e que essa gramática tem base biológica, colocando assim como inatos os mecanismos mentais que permitem à criança a aquisição da linguagem. Chomsky chamou de **Dispositivos de Aquisição da Linguagem** os princípios e parâmetros da Gramática Universal presentes nas estruturas mentais inatas.

Sobre o <inatismo> ...

A ideia de gramática universal está *pari passu* com a concepção do inatismo, já que ambas partem da ideia de princípios naturais que regem a natureza humana. A analogia que o linguista comumente estabelece é que, assim como todos os seres humanos têm um sistema visual, passível de ser estudado, da mesma forma ocorre com a linguagem, enquanto um sistema. Dessa forma, o sistema da linguagem detém um estado inicial, que é uma propriedade da espécie e que permite que qualquer língua seja passível de ser adquirida.



Fonte: <http://www.brasilescola.com/upload/e/entradasite.jpg>

UNIDADE I	UNIDADE II	UNIDADE III
Aula 1	Aula 2	Aula 3
		Aula 4

Para Chomsky, a aprendizagem da língua se dá de forma semelhante ao desenvolvimento do corpo humano e acontece de forma natural. Nesse processo, o meio em que a criança vive tem o papel de estimular as propriedades inatas e comuns a todos os seres humanos. Dada a devida importância ao meio, Chomsky diz que "o curso geral do desenvolvimento e os traços básicos do que emerge são pré-determinados pelo estado inicial" (1998, p. 23).

Os dispositivos de aquisição da linguagem podem ser observados através de alguns fatores, a saber (STENBERG, 2000):

- A rapidez na especialização fonêmica;
- A rapidez com que as crianças adquirem uma linguagem extremamente complexa, em contato com uma quantidade bem menor de estímulos;
- Todas as crianças parecem adquirir esses aspectos da linguagem na mesma sucessão e aproximadamente no mesmo tempo;
- Os humanos têm diversas estruturas fisiológicas que servem exclusivamente para a fala;
- As características universais documentadas, ao longo do vasto conjunto de línguas humanas (centenas de padrões universais têm sido documentados por todas as línguas ao redor do mundo).

Talvez a maior contribuição dada por Chomsky tenha sido a de apresentar um contraponto à corrente behaviorista e sua teoria da aquisição da linguagem por imitação ou por meio do processo estímulo-resposta. Ele afirma que toda criança considerada normal tem as condições inatas para realizar determinadas atividades, como adquirir estruturas gramaticais complexas tão rapidamente que não o faria se tivesse que imitar todas as palavras para que fosse capaz de dizê-las.

E quanto às diversas variações da linguagem? Como explicar a diversidade linguística tendo uma origem comum para todas? Nesse item, Chomsky propõe o que chama de adequação descritiva e adequação explicativa. A primeira cuida de explicar o fenômeno das línguas específicas, e a segunda, de explicar como o conhecimento desses fatos surge na mente humana.

Chomsky evidencia que, apesar de toda a diversidade de línguas, há estruturas que são invariantes e que possibilitam a descoberta de propriedades gerais da linguagem, contidas na Gramática Universal.



DESAFIO

Apesar da riqueza de correntes de pesquisa existentes na Psicologia, que contemplam o pensamento e a linguagem, tivemos a chance de destacar três delas, das quais ressaltamos os nomes de Piaget (construtivismo), de Vygotsky (sociointeracionismo) e de Chomsky (inatismo) e algumas de suas ideias. O desafio agora é trazer à tona a compreensão de como esses três modos de encarar pensamento e linguagem podem contribuir com nosso componente curricular, principalmente no que diz respeito à utilização das linguagens não-verbais na educação infantil. Em grupos de no máximo cinco aprendentes, participem do seguinte desafio:

Apresentem argumentos que justifiquem a complementaridade – os aspectos de uma que podem ser juntados à outra sem incompatibilidade – entre as correntes de desenvolvimento do pensamento e da linguagem estudadas, argumentando ao final suas observações sobre elas na educação infantil (máximo de cinco laudas). Envio de arquivo único.



Fonte: <http://nehistemf.com.sapo.pt/desafio.jpg>

UNIDADE II

LINGUAGEM VERBAL E NÃO-VERBAL: DIFERENÇAS E CARACTERÍSTICAS

AULA 5: CARACTERÍSTICAS DA LINGUAGEM VERBAL E NÃO-VERBAL

Olá! Estamos iniciando hoje uma nova etapa do nosso componente curricular. Nesta aula, vamos tratar da linguagem e de sua classificação em verbal e não-verbal, com o objetivo de identificar suas principais características. A partir de agora, teremos uma série de tarefas voltadas à prática de alguns tipos de linguagem em sala de aula, visando estimular o seu desenvolvimento na educação infantil.

Portanto, é imprescindível o seu empenho nos desafios práticos que serão sugeridos e nas ligações entre eles e as teorias apreendidas. Então, mãos à obra!

Linguagem verbal

É fato que existem várias formas de comunicação e que boa parte das comunicações entre seres humanos se dá pela fala. Também é fato que existem vários tipos de línguas diferentes, e mesmo numa mesma língua, variações que a diversificam (por exemplo, o sotaque, a gíria, o sentido de uma determinada palavra, variando de uma região para outra etc.). A essa faculdade humana da fala se dá o nome de linguagem verbal.

Numa definição simples, a linguagem verbal é aquela composta de palavras que formam frases e que está presente quando conversamos com outra pessoa e no ato de ler e de escrever.

A linguagem verbal é a forma de comunicação mais comum em nosso cotidiano, podendo ser tanto falada quanto escrita. Ela está no texto literário, no texto jornalístico (seja impresso, no rádio ou na televisão), num discurso qualquer (de protesto, político), em uma aula etc.



Fonte: <http://www.batepapoecommerce.com/wp-content/uploads/2008/07/ic.jpg>

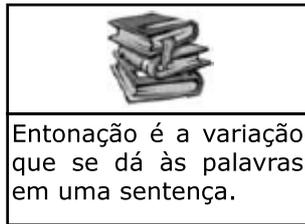
E você, em quais outras situações você pode detectar a presença da linguagem verbal? Que tal, junto com outros aprendentes, discutir e fazer uma relação de variados momentos nos quais a linguagem verbal está presente? Compartilhe e discuta seus resultados em nosso fórum.



O Signo compreende uma unidade linguística que tem significante (expressão oral) e significado (aquilo que se expressa sobre o mundo).

A comunicação verbal é o processo de transmitir e receber mensagens através da utilização de palavras ou <signos>. Esse tipo de comunicação possibilita a perpetuação de mensagens ao longo do tempo, quando os sinais escritos substituem os signos vocais expressos nas palavras. A escrita representa os sons articulados da fala, transformando a língua natural em um código. Podemos então definir a língua como um sistema de comunicação verbal herdado, aprendido e partilhado pelos integrantes de uma mesma comunidade.

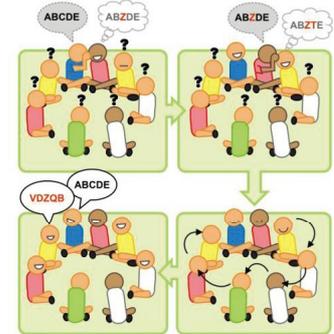
UNIDADE I	UNIDADE II	UNIDADE III
Aula 5	Aula 6	Aula 7
		Aula 8



A comunicação verbal começa em cada um de nós, mas é na decodificação de outra pessoa que ela é de fato realizada, ou seja, importa muito mais o que o outro entende do que foi dito, do que propriamente o que foi dito.

Apesar da força das palavras na comunicação, esta não se dá apenas com o significado literal das palavras e das frases. Valem, principalmente para a linguagem falada, os gestos, as expressões faciais, o olhar, o sorriso, a <entonação> e até o silêncio e as pausas entre as <palavras>.

Uma conclusão: Comunicamos, mesmo sem querer!



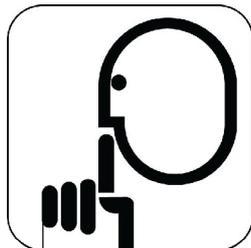
Fonte: <http://www.faberludens.com.br/files/imagepicker/1/luisfelipe/thumbs/TelefoneSemFio.jpg>

Assista ao vídeo Vírgula, da Associação Brasileira de Imprensa – ABI - e reflita não apenas sobre a pausa (vírgula), mas também sobre a entonação, sobre a ironia e outras formas de se dizer/escrever uma mensagem. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=JxJrS6augu0>>. Acesso em 11/02/2009. Disponível também no CD-ROM das trilhas Vol 5.



Linguagem não-verbal

Quem nunca ouviu a frase “Uma imagem vale mais do que mil palavras”? Por exemplo, observe as imagens abaixo.



Fonte: <http://artigosdepsicologia.files.wordpress.com/2008/06/keep-silence.jpg>



Fonte: <http://img.photobucket.com/albums/v85/jumento/013/wc.jpg>



Fonte: <http://www.vestiarior.org/index/wp-content/uploads/2008/05/noticia-publicidade-bic.gif>

O que podemos compreender sobre as mensagens que elas querem nos passar? A primeira nos comunica que é necessário fazer silêncio; a segunda dá conta da forma correta de se utilizar um vaso sanitário, ao mesmo tempo em que mostra as possibilidades incorretas (em pé, para vomitar, de cócoras, para pescar (!!)) ou fazer uso do mictório de modo similar aos cães); a última imagem trata da publicidade de uma marca de canetas e que também fabrica aparelhos descartáveis de barbear. A mensagem é nítida: a caneta, se a opção for para escrever/desenhar, e o barbeador, para sua função.

O que você percebe de comum nas imagens acima? Primeiro, as três podem ser facilmente decodificadas, o que implica que houve uma intenção de quem as criou. Segundo, inexistente a presença de palavras escritas (com exceção da publicidade que traz a marca dos produtos). Esses dois exemplos nos dizem que, apesar da ausência de palavras, há linguagem, pois podemos decifrar a mensagem a partir das imagens.

Esse tipo de linguagem tem um código que, neste caso, não é a palavra, mas sim, outros códigos, como desenhos, cores (o vermelho da proibição), a disseminação da mídia (no caso da publicidade), fotos etc. A esse tipo de linguagem é dado o nome de não-verbal.

A linguagem não-verbal é mais antiga que a verbal. A razão disso é de que o próprio corpo humano comunica sem a necessidade da fala articulada. Essa comunicação tem, inclusive, características universais, como, por exemplo, o choro, para expressar aborrecimento, dor física ou emocional; o sorriso, para manifestar alegria e satisfação; o beijo e o abraço, para transmitir afeto e carinho. Assim, há também uma linguagem corporal que também é não-verbal.

As pessoas não se comunicam apenas por meio de gritos, gestos ou símbolos. A comunicação humana se faz, principalmente, pela palavra. Comumente, muitas pessoas utilizam o termo "linguagem corporal".



Para a Lingüística o código é um sistema lingüístico, seja verbal ou não-verbal.

Curiosidades sobre a linguagem verbal e a linguagem não-verbal

Apesar da ênfase dada à linguagem verbal, estudos indicam que, aproximadamente, 55% da comunicação entre duas pessoas acontece na forma não-verbal (principalmente pela linguagem corporal); o restante é dividido entre 38% pela entonação da voz e apenas 7% pelo uso específico da linguagem verbal. Evidentemente que esses valores médios irão variar de acordo com cada situação de comunicação, mas tendem a se estabilizar nesses números conforme o grau de afinidade entre os interlocutores.

CARANGA



Fonte: http://www.meninocaranguejo.com/blog/img_blog/tirinhas/tira3_grde.jpg

Na tirinha acima, por exemplo, há linguagem verbal e não-verbal. No entanto, a ideia de que o objetivo é o de se achar graça (rir), e não, de ironizar a ação da outra pessoa só é perceptível pelo desenho que expressa a gozação.

Uma das características da linguagem não-verbal, especialmente a corporal, é a capacidade de suplantar a linguagem verbal, quando, por exemplo, a pessoa diz estar feliz, mas seus olhos, sua voz e postura dizem que não. A razão disso é que a linguagem verbal provém do <inconsciente> de quem está se comunicando, razão pela qual é tão difícil controlá-la conscientemente, como nos casos de nervosismo, de tensão ou de mentira. Da mesma forma acontece quando ouvimos algo de uma pessoa, e nosso inconsciente não nos faz acreditar; na verdade, ele decifrou os sinais do inconsciente da outra pessoa e fez o contraponto entre o que ela dizia e o que expressava verbalmente.

O vocábulo inconsciente diz respeito ao conjunto de processos e fatos psíquicos que atuam sobre a conduta do indivíduo, mas que escapam ao âmbito da consciência. A maneira como o inconsciente se mostra é através dos sonhos, dos atos falhos – muitas vezes transparentes não apenas na fala, mas também no corpo – e nos estados neuróticos ou psicóticos. Em todos esses estados, há uma pausa da consciência e o conseqüente "despertar" da inconsciência.



UNIDADE I	UNIDADE II	UNIDADE III
Aula 5	Aula 6	Aula 7
		Aula 8

É importante ressaltar que o que diferencia uma linguagem da outra é o meio pelo qual ela faz o trajeto entre o emissor e o receptor. Outra diferença está na maior racionalidade da linguagem verbal, enquanto o desenho, a música e o gesto têm um grau maior de subjetividade. No entanto, em termos de riqueza comunicativa, a linguagem escrita talvez seja a mais simples, principalmente pela ausência de entonação, muito presente na ironia, na pausa e no tempo de cada palavra etc.

Na realidade do dia-a-dia, o que podemos compreender é que tanto uma quanto a outra são enfatizadas de acordo com o contexto. Nos dias atuais, por exemplo, a imagem é super valorizada, o que faz com que muita gente relegue a linguagem verbal a um <segundo plano>.

Comentário: Essa hegemonia do visual é bastante clara quando comparamos o nível de leitura e de escrita atingido pela juventude atual. A comunicação se dá muito mais pelo corpo, pelas imagens e pelas mídias visuais, e o vocabulário se vê reduzido ao uso de um conjunto mínimo de palavras. Sem querer fazer juízo de valor, o que se percebe é um empobrecimento da ligação entre verbal e não-verbal, em que o primeiro não consegue se comunicar com o segundo, o que, evidentemente, empobrece a comunicação de um modo geral.



DESAFIO

Nesta era da comunicação, de velocidade e de informação, a sociedade não mais nos permite leituras que objetivem uma única interpretação, nem mesmo leitores apenas de livros. Cada vez mais se exige do cidadão a capacidade de perceber a multiplicidade de linguagens, não só verbais, mas, principalmente, visuais, e a extração de informações, para a criança, torna-se o processo de construção de significados. Para isso, é importante propor atividades nas quais se possam observar sutilezas nas formas, nas cores, na textura. Escreva um texto no qual você deve justificar a importância das linguagens, em especial, as não-verbais, nomeando-as e descrevendo-as. Para isso, pesquise na internet, bem como nas escolas de educação infantil, converse com professores etc. Essa tarefa será compartilhada em nosso fórum.

AULA 6: A LINGUAGEM CORPORAL

Olá, dileto(a) aprendente! O tema desta aula é a linguagem corporal, a respeito da qual veremos alguns conceitos e como podemos fazer uso consciente dela para a educação infantil. Antes, porém, atente para esta orientação: o livro, *O Corpo fala*, de Pierre Weil e Roland Tompakow, está disponível em formato e-livro, já em sua 56ª edição. Para esta aula, utilizaremos alguns de seus capítulos. A leitura na íntegra é opcional, apesar de acharmos conveniente a leitura de todo o livro, porquanto aborda a linguagem do corpo com profundidade. Faça bom proveito!

<O Corpo Fala>?

Será que realmente existe uma linguagem corporal? Ela pode ser decifrada? E o mais importante, ela pode ser estimulada? Antes de respondermos a essas perguntas, vejamos o que pensa **<Gaiarsa (2002, p.86)>** sobre essas questões:



Antes de prosseguir nesta aula, faça a leitura dos capítulos 1 e 2 do livro *O Corpo fala*? Disponível no CD-ROM.

GAIARSA, José A. **O corpo fala?** In: *Motriz - Revista de Educação Física*, vol. 8 nº 3, Set/Dez, 2002, p. 85-90.

“Ele é um “infante,” termo que significa, precisamente, “que não fala”. A mesma raiz etimológica deu origem, também, aos termos infância e infantaria, o grupo daqueles que arriscam a vida na batalha, mas não têm o direito de falar. Note-se a semelhança desses termos. O corpo não fala, mas certamente ele se exprime. Ele sinaliza intenções, mostra emoções, assume atitudes, faz mil gestos e mil caras. Não faria nada disso se fazê-lo não tivesse alguma função. [...]”

É evidente a vantagem da linguagem corporal sobre a linguagem verbal. Por isso mesmo, ela é muito veloz, tanto na sinalização quanto na troca de sinais. Rostos humanos podem mudar de expressão em fração de segundos. Na verdade, em um décimo de segundo, como já foi medido. Insistindo: nenhuma palavra poderia ser dita em um décimo de segundo, muito menos uma frase” .



Fonte: http://3.bp.blogspot.com/_5TdoFbU0daw/SKvid5CegoI/AAAAAADAADQ/VxEiuh4cW5Y/s400/maluuuu.JPG

Apesar da presença da linguagem corporal em toda a extensão do corpo, há certa dificuldade em percebê-la. E isso é fácil de ser constatado: já notaram o quanto é comum ao ser humano se ver em uma gravação e não se reconhecer nela? O motivo para tal comportamento é que, em geral, não nos vemos como somos, principalmente quando o olhar que temos é o do outro (nesse caso, a câmera). Nós nos achamos gordos, quase sempre, engraçados, às vezes, ridículos, outras vezes, bonitos ou feios. Geralmente rimos de nós mesmos.



Fonte: <http://www.ceppes.org.br/intintiva.jpg>

UNIDADE I	UNIDADE II	UNIDADE III
Aula 5	Aula 6	Aula 8

Outro fato interessante a registrar é que, apesar da profundidade comunicativa que o corpo tem, ainda ouvimos expressões do tipo “Quem vê cara não vê coração”, como se os sinais do corpo não tivessem importância. Em resumo, o corpo comunica, mas, geralmente, não damos a devida atenção a isso, e quando o corpo comunica, quase sempre, age através do inconsciente. Todos nós enxergamos a linguagem do corpo, mas somos ensinados a não percebê-la!

É importante perceber que a linguagem corporal é um meio essencial na tarefa de perceber, sentir, de conhecer a si mesmo e ao mundo e de se manifestar perante os outros. Nesse sentido, a linguagem corporal é, também, um meio de comunicação que, ao contrário da palavra, consegue expressar o que, não raras vezes, é impossível se o meio for simplesmente a linguagem verbal.

Se isso é válido para o adulto, imagine para a criança, cuja espontaneidade faz com que seu corpo seja uma fonte inesgotável de comunicação e, simultaneamente, uma ferramenta de enorme potencial a ser utilizado na escola.

E o seu corpo, fala?

Destacamos, aqui, que a tônica do nosso componente curricular é a educação infantil, no entanto, do ponto de vista da linguagem não-verbal, os conhecimentos apresentados nesta e nas aulas seguintes também servem para o ser humano adulto.

Em maior ou menor grau, a consciência de nosso corpo, concomitante com sua linguagem, é desprezada e podemos constatar isso com um simples exercício que pode ser realizado individualmente ou em grupo: Apoie-se nos dois pés, com os braços estendidos ao longo do corpo; procure respirar pausadamente e, da mesma forma que na brincadeira de estátua, fique nessa posição por dois minutos. Pode parecer fácil, mas nem todo mundo consegue ficar estático por tão “longo” tempo. Por isso, acabam mexendo as mãos, as pernas ou a cabeça etc. Isso acontece por causa do descaso com que tratamos o nosso corpo, subestimando sua potencialidade comunicativa, deixando sua atuação apenas no nível do inconsciente.

O despertar dessa consciência/linguagem corporal é um dos objetivos de quem quer ser ator, pois, no teatro, a corporalidade é condição de êxito na profissão.

Enquanto professores, qual a importância do nosso corpo no dia-a-dia de nossa profissão? Pense e discuta com os colegas.

Linguagem corporal infantil na prática



A **psicomotricidade** é a capacidade que o ser humano tem de determinar e coordenar mentalmente os movimentos corporais; a atividade ou conjunto de funções psicomotoras. Na educação infantil, a criança busca constantemente experiências em seu próprio corpo, formando conceitos e organizando o esquema corporal e desenvolvendo sua psicomotricidade.

A depender da idade da criança, sua habilidade motora, ou **<psicomotricidade>**, estará apta para desenvolver determinadas tarefas, enquanto que, para outras, será preciso o desenvolvimento dessas habilidades motoras. A abordagem do corpo e sua linguagem incorpora ao desenvolvimento motor a qualidade comunicativa da criança.

Vejam-se alguns exemplos de atividades que podem ser desenvolvidas com o objetivo de trabalhar a psicomotricidade:

- Balançar o corpo, engatinhar, rolar, dar cambalhotas, pular em uma só perna (Saci Pererê), andar de lado;
- Para o equilíbrio: caminhar sobre uma linha no chão, andar segurando um copo ou uma colher cheios de água; fazer atividades com olhos vendados, tais como andar, comer, beber, brincar etc.

UNIDADE I**UNIDADE II****UNIDADE III****Aula 5****Aula 6****Aula 7****Aula 8**

Não podemos esquecer que a abordagem da linguagem corporal na educação infantil deve sempre estar ligada ao lúdico e precisa de criatividade para desenvolver situações para as quais a criança se sinta estimulada. Assim, no processo de educação infantil, outras formas de se trabalhar o corpo se dão por meio da recreação, de jogos e brincadeiras, da dança e também da educação física.



Fonte: <http://www.terrabrasileira.net/folclore/manifesto/social/s-brincar.jpg>

Em todas essas atividades, o corpo e a gestualidade podem ser utilizados na qualidade de linguagem.

Vejam algumas sugestões de atividades e brincadeiras que podem ser desenvolvidas em sala de aula:

- Pular imitando animais;
- Coreografar músicas infantis, seja apenas com as mãos ou com todo o corpo;
- Trabalhar com acessórios corporais, instigando as crianças a identificarem em que parte do corpo são utilizados (por exemplo, bonés, luvas, tiaras, meias, anel, pulseiras etc.);
- Brincadeiras e jogos que envolvem correr, pendurar-se, subir e descer, escorregar etc.



Fonte: <http://www.pca.org.br/imagens/robson/08queimada.jpg>

**DESAFIO**

A partir deste desafio, nossa trajetória deve tomar um rumo mais prático. Se você já esteve ou está em sala de aula como professor(a), é hora de repensar sua prática, no que diz respeito às atividades que envolvem a linguagem corporal. Se ainda não teve o privilégio de lecionar, aproveite para coletar exemplos de práticas escolares com ênfase na linguagem corporal. As teorias apresentadas na primeira unidade devem servir de referência, de acordo com a idade e as potencialidades individuais.

Forme grupos com até cinco colegas para a realização deste desafio:

- Realizem um debate sobre os capítulos 1 e 2 do livro *O Corpo fala*, em nosso ambiente virtual (fórum), objetivando expor dúvidas, pontos de vista, exemplos etc.
- Procure relacionar atividades que explorem a linguagem corporal que vocês conhecem ou que já desenvolverem em sala de aula, descrevendo-as com detalhes – Por exemplo, se for um jogo, descreva as regras; se for uma brincadeira, expliquem como deve ser etc. (Mínimo de duas e máximo de cinco atividades).

UNIDADE I	UNIDADE II	UNIDADE III
Aula 5	Aula 6	Aula 7

AULA 7: A LINGUAGEM CÊNICA

Na aula anterior, abordamos a linguagem corporal. Antes de prosseguirmos, é preciso fazer algumas observações que são importantes para a compreensão do conteúdo desta e das aulas seguintes.

Inicialmente, é importante compreender que a linguagem corporal está na base de muitas das outras linguagens, como na linguagem cênica, tema desta aula. A título de compreensão, é interessante ter a noção de que, mesmo na comunicação oral, o corpo não pode ser esquecido – conforme visto na aula anterior. Por exemplo:

- Na recepção da criança na escola: aqui há espaço para o contato entre elas, através da conversa e do toque; é tempo de o/a professor/a observar a adaptação ao meio, entre casa/escola, através da linguagem corporal, notando as diferenças entre as posturas das crianças no início e no final da aula;

- O recreio (intervalo) é um bom momento para a observação da relação entre os/as alunos/as, quando se pode observar se há excessos (como agressividade, isolamento etc.) e o próprio desenvolvimento motor (correr, pendurar, segurar etc.);

- Ao fazermos uma <roda de conversa>, devemos atentar para o fato de que ela não seja apenas para a comunicação oral, mas um momento de estimular (que pode ser com seu próprio corpo ao gesticular, sorrir etc.) e de observar a linguagem corporal dos/as alunos/as. Por permear todos os instantes de nossas vidas, a linguagem corporal pode, muitas vezes, ser esquecida e subestimada. No entanto, há algumas ocasiões em que seu uso é consciente, como no caso da linguagem cênica.

Portanto, seja bem-vindo(a) à nossa sétima aula!



Fonte: <http://www.crecheterranova.com.br/noticia-rodinha.gif>

Assista ao vídeo **Educação Infantil – Roda de conversa** (Revista Nova Escola). Disponível em < <http://www.youtube.com/watch?v=hWb3aaqXXJg>>. Acesso em FEV 2009. Disponível também no CD-ROM do trilhas Vol 5.



Linguagem cênica, jogos teatrais e jogos dramáticos

A linguagem cênica é muito poderosa, principalmente pelo seu poder de síntese e pela diversidade estética que é inerente ao teatro. Na experiência de contato com a linguagem cênica, há duas características importantes: uma é a diversidade implícita na possibilidade de se fugir de um padrão de vivência diário. Isso é verdadeiro não apenas para quem vivencia a experiência de atuar, mas também para quem se coloca diante da experiência teatral. A outra é a diversificação de respostas que advém do contato com estímulos diversos.

Essas duas características, diversidade e diversificação, estão muito presentes quando lidamos com a experiência do teatro na vida adulta. No entanto, há uma variação interessante da linguagem teatral e que foi desenvolvida diretamente para o trabalho com as crianças.

UNIDADE I

UNIDADE II

UNIDADE III

Aula 5

Aula 6

Aula 7

Aula 8

Leia o texto abaixo:

Os jogos teatrais são procedimentos lúdicos com regras explícitas. A palavra teatro tem sua origem no vocábulo grego *theatron*, que significa "local de onde se vê" (plateia). A palavra drama, também oriunda da língua grega, quer dizer "eu faço, eu luto" (SLADE, 1978, p.18).



Fonte: Foto por Luciênio Texeira

No jogo dramático entre sujeitos (Faz-de-conta), todos são "fazedores" da situação imaginária, todos são "atores". Nos jogos teatrais, o grupo de sujeitos que joga pode se dividir em "times" que se alternam nas funções de "atores" e de "público", isto é, os sujeitos "jogam" para outros que os "observam" e "observam" outros que "jogam". Na <ontogênese>, o jogo dramático (faz-de-



Ontogênese refere-se ao desenvolvimento de um indivíduo ou conceito. No contexto da citação, equivale a "em sua origem".

conta) antecede o jogo teatral. Essa passagem do jogo dramático para o jogo teatral, ao longo do desenvolvimento intelectual da criança, pode ser explicada como "uma transição muito gradativa, que envolve o problema de tornar manifesto o gesto espontâneo e depois levar a criança à decodificação do seu significado, até que ela o utilize conscientemente, para estabelecer o processo de comunicação com a plateia" (Koudela, 1992, p.45). Os jogos teatrais são intencionalmente dirigidos para o outro. O processo em que se engajam os sujeitos que "jogam" se desenvolve a partir da ação improvisada e os papéis de cada jogador não são estabelecidos a priori, mas emergem a partir das interações que ocorrem durante o jogo. A finalidade do processo é o desenvolvimento cultural e o crescimento pessoal dos jogadores através do domínio e uso inter-ativo da linguagem teatral, sem nenhuma preocupação com resultados estéticos cênicos pré-concebidos ou artisticamente planejados e ensaiados. O princípio do jogo teatral é o mesmo da improvisação teatral e do teatro improvisacional, isto é, a comunicação que emerge a partir da criatividade e espontaneidade das interações entre sujeitos mediados pela linguagem teatral, que se encontram engajados na solução cênica de um problema de atuação <(Japiassu, 1998)>.

JAPIASSU, Ricardo O. V. Jogos teatrais na escola pública. In: Revista da Faculdade de Educação, vol. 24, nº 2, JUL/DEZ de 1998. Disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551998000200005&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em Fev 2009.



Conforme Japiassu coloca, o importante nos jogos teatrais é a improvisação, ficando em segundo plano o resultado estético. Dessa maneira, os jogos teatrais podem ser desenvolvidos durante uma única aula, com a certeza de se alcançarem os resultados pretendidos, o que não impede que esses jogos sejam retrabalhados até se chegar à configuração de peças ou <esquetes teatrais>.



Esquete teatral é uma história completa, de curta duração, que tanto pode ser cena de revista teatral como de programa de rádio ou televisão. Os esquetes, quase sempre, são de caráter cômico.

UNIDADE I	UNIDADE II	UNIDADE III
Aula 5	Aula 6	Aula 8

Quando a criança não consegue compreender o teatro formal e os jogos teatrais, há, ainda, um terceiro tipo de abordagem da linguagem cênica - os jogos dramáticos infantis - que são as brincadeiras e os jogos que nascem da ação intuitiva da criança ou que são elaborados por adultos, respeitando-se as peculiaridades do mundo infantil. Como o único critério que existe para os jogos dramáticos reside no respeito ao mundo infantil, as possibilidades vão desde o uso de músicas, coreografias, vestuário, acessórios diversos etc. Para alguns teóricos, a principal diferença entre os jogos teatrais e os jogos dramáticos está na <relação



palco/plateia>.



Entenda-se aqui a relação palco/plateia não apenas de forma literal, mas toda relação em que haja a noção dessas duas instâncias. Em outras palavras, tanto no teatro formal quanto nos jogos teatrais há a consciência da existência da plateia, enquanto que, nos jogos dramáticos infantis, não há necessariamente.

Nos jogos dramáticos, não há preocupação, por exemplo, com as questões de figurino, cenário ou similares. Segundo <Slade(1978 p. 17)>, "o jogo dramático infantil é uma forma de arte por direito próprio; não é uma atividade inventada por alguém, mas um comportamento real dos seres humanos", defendendo a livre-expressão das crianças, com o mínimo de interferência do professor.

Para os teóricos estudados até aqui, - particularmente Piaget e Vygotsky - o jogo, incluindo aqui o teatral e o dramático, tem um papel de grande importância no estímulo à criança e em sua ação de tomada de sentido da realidade. Piaget concebe que a "verdadeira linguagem social das crianças, quer dizer, a linguagem utilizada na atividade fundamental das crianças - o jogo - é uma linguagem de gestos, movimentos e mímica, tanto quanto uma linguagem de palavras" (Piaget, *apud* Vygotsky, 2007, p. 11-12). Já para Vygotsky, o jogo completa as necessidades da criança, por lhe proporcionar o exercício de imaginação, em que esse processo não é mais necessariamente interno, mas uma atividade compartilhada socialmente.

O mais simples jogo com regras transforma-se imediatamente numa situação imaginária, no sentido de que, assim que o jogo é regulamentado por certas regras, várias possibilidades de ação são eliminadas. <(1999, p. 12)>.



SLADE, Peter. O jogo dramático infantil. São Paulo: Summus, 1987.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. Tradução: José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

Peter Slade é um pesquisador inglês, reconhecido internacionalmente, pioneiro no campo do teatro para crianças e perito no desenvolvimento de trabalhos direcionados a portadores de necessidades especiais. Escreveu o livro, O jogo dramático infantil, no qual parte do princípio de que, para se pensar a forma de arte do jogo dramático infantil, é necessário levar em consideração a diferença entre o que a criança faz na realidade e o que se sabe e entende por teatro. Para mais informações, visite <<http://recantodasletras.uol.com.br/resenhasdeteatro/576028>>. Acesso em Fev 2009.





DESAFIO

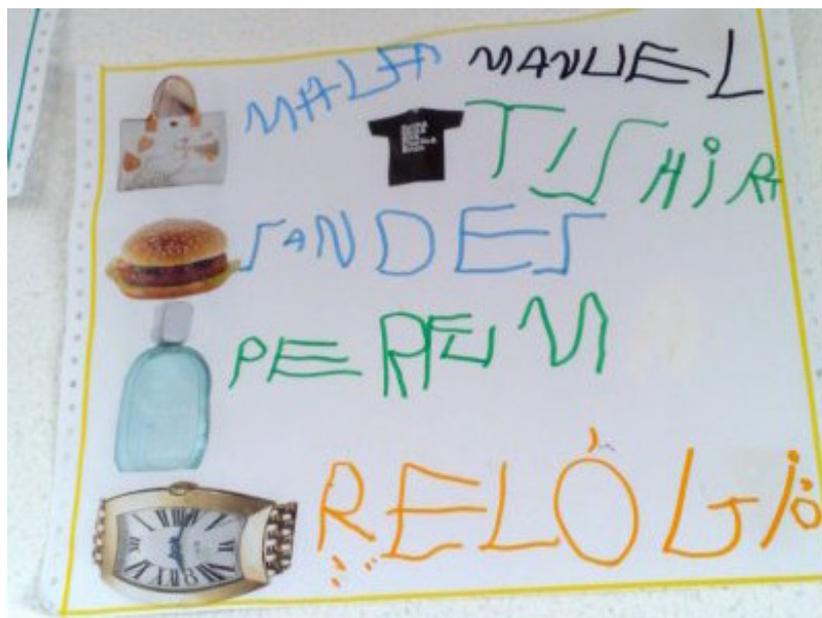
Linguagem cênica em sala de aula, eis o desafio aqui. Talvez você não tenha tido uma experiência direta com teatro, com texto, ensaios, figurinos, palco e plateia. Mas, com certeza, todos nós já vivenciamos algum tipo de jogo teatral. Esses jogos acontecem no dia-a-dia, quando assumimos alguns papéis perante a sociedade, como por exemplo: convencer alguém de alguma coisa, vender, comprar algo ou compartilhar uma ideia. Nesse caso, o nosso interlocutor e nós mesmos nos tornamos personagens, e nossa estratégia passa pela leitura das palavras do outro e pela leitura corporal, pela ênfase que damos a determinadas palavras, pela entonação etc. Todas essas características são atributos do ator e da atriz e são vividas em sala de aula.

Para este desafio, será preciso ler o artigo **A linguagem cênica como coadjuvante na formação escolar**, para desempenhar as seguintes atividades:

- Faça um fichamento com as principais ideias do artigo (máximo de uma lauda). A entrega deve ser feita em arquivo único.
- Conte suas experiências, com teatro, com jogos teatrais e/ou com jogos dramáticos. Você já sabe diferenciá-los? Faça isso com as próprias palavras e compartilhe em nosso fórum.

O referido artigo pode ser encontrado no CD do Aprendizente.

Para começar a pensar o que será tratado na próxima aula, reflita sobre a figura abaixo.



Fonte: http://3.bp.blogspot.com/_D9wxtQRH_vU/SRy3bwjRVyI/AAAAAAAAACDo/d0yKWsgtmdI/s400/21042008207.jpg

UNIDADE I	UNIDADE II	UNIDADE III
Aula 5	Aula 6	Aula 7
		Aula 8

AULA 8: O DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Olá! Antes de iniciarmos o tema desta aula, leia as palavras de Vygotsky, abaixo:

As dificuldades de dominar a mecânica da escrita não podem também explicar o tremendo abismo existente entre a linguagem oral e a linguagem escrita da criança em idade escolar. A nossa investigação mostrou que o desenvolvimento da escrita não repete a história do desenvolvimento da fala. A linguagem escrita é uma função linguística distinta, que difere da linguagem oral tanto pela sua estrutura quanto pela sua função. Até os seus estádios mais elementares de desenvolvimento, exigem um alto nível de abstração. É uma linguagem feita apenas de pensamento e imagem, faltando-lhe as qualidades musicais, expressivas e de **entoação** características da linguagem oral. Ao aprender a escrever, a criança tem que se libertar do aspecto sensorial da linguagem e substituir as palavras por imagens de palavras. Uma linguagem que é puramente imaginativa e que exige a simbolização da imagem sonora por meio dos signos escritos (isto é, um segundo grau de simbolização) terá que ser mais difícil para a criança do que a linguagem oral, tal como a álgebra é mais difícil do que a aritmética. Os nossos estudos mostram que é a qualidade abstrata da linguagem escrita que constitui o obstáculo mais importante, e não, o subdesenvolvimento dos pequenos músculos ou quaisquer outros obstáculos mecânicos (2007, p. 47).



Fonte: http://www.colmagno.com.br/ToDoCuidado/em_casa/escrita04.jpg

Vygotsky quer dizer que, apesar das características comuns entre a linguagem falada e a linguagem escrita – compreendidas por um adulto como uma completando e dando suporte à outra – para a criança, de modo geral, a palavra escrita tem ligação direta com o objeto a que se refere. Segundo Vygotsky, é a abstração própria à palavra escrita que se torna obstáculo à sua aprendizagem, tendo mais vigor a associação entre oralidade e escrita. Exemplo disso são as associações orais presentes nas primeiras tentativas de escrita, como por exemplo: “HTA” para escrever “a gata”; “PAQE” para escrever “parque” ou KVALO para escrever “cavalo”.

Você, dileto aprendiz, caso ainda não seja professor, deve atentar para o fato de que a oralidade aqui almejada não deve se restringir às rodas de conversa, conforme nos chama a atenção o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – **<(BRASIL, 1998, p. 119)>**. Ainda segundo o RCNEI, a linguagem oral não é linear, mas ocorre através de aproximações sucessivas com a fala do outro. Ele acrescenta que:

Nas inúmeras interações com a linguagem oral, as crianças vão tentando descobrir as regularidades que a constituem, usando todos os recursos de que dispõem: histórias que conhecem, vocabulário familiar etc. Assim, acabam criando formas verbais, expressões e palavras, na tentativa de apropriar-se das convenções da linguagem. É o caso, por exemplo, da criação de tempos verbais de uma menina de cinco anos que, escondida atrás da porta, diz à professora: “Adivinha se eu ‘tô’ sentada, agachada ou empézada?”, ou então, uma criança que, ao emitir determinados sons na brincadeira, é perguntada por outra: “Você está chorando?”, ao que a criança responde: “Não, estou graçando!” (BRASIL, 1998, p. 126).



BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, vol. 3, 1998. Disponível em < <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf> >. Acesso em FEV 2009. Disponível no CD-ROM das trilhas Vol 5.

UNIDADE I

UNIDADE II

UNIDADE III

Aula 5

Aula 6

Aula 7

Aula 8

Essa não-linearidade da linguagem oral faz contraponto à linearidade da escrita. <**Dias Pará (2003)**> coloca essas diferenças em número de treze, a saber:



DIAS PARÁ, Mara L. **Uma língua, duas modalidades: o texto oral e o escrito.** In: Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades. Vol. II, nº VII, OUT/DEZ 2003. ISSN 1678-3182. Disponível em <http://www.unigranrio.br/unidades_acad/ihtm/graduacao/letras/revista/numero7/textomara.html>. Acesso em FEV 2009.

LINGUAGEM ORAL.	LINGUAGEM ESCRITA
Linearidade temporal	Linearidade espacial.
Código oral.	Sistema de traços codificados para "notar" a linguagem oral. É o encontro de uma linguagem com outra, do qual resulta uma mudança de código.
Ordem cronológica irreversível.	Não é irreversível.
Só tem a permanência que lhe confere a memória do locutor e do interlocutor.	Tem caráter permanente.
Contém elementos prosódicos como acento, entonação, duração, intensidade, pausas e ritmos portadores de significação.	O sistema gráfico tenta traduzir a entonação, o ritmo e outros sinais fônicos através da pontuação.
A fala é acompanhada de gestos, expressões fisionômicas etc., que complementam ou reforçam o significado.	Não apresenta nenhum reforço do contexto extralinguístico.
A percepção do discurso oral pode ser avaliada imediatamente. Em caso de necessidade, pode-se reformular o discurso para garantir a comunicabilidade.	Uma eventual má percepção do texto escrito pode ser ultrapassada por sucessivas leituras, caso essa dificuldade não se origine por um defeito de construção.
O discurso oral, quando dialogado, é construído coletivamente.	O texto escrito é, de um modo geral, construído individualmente.
Os efeitos dos enunciados são imediatos. Pode-se anular ou reformular o que foi dito.	Os efeitos dos enunciados são posteriores ao momento da produção. Não se pode alterar.
Diacronicamente, o oral e o escrito não evoluíram da mesma forma. A evolução do oral é muito mais rápida.	Mais valorizada sociologicamente. Esse valor é conferido pelas próprias condições em que se aprende - a escola.
É menos valorizada sociologicamente, sob o ponto de vista do valor de verdade.	É planejada e, por isso, evita-se repetição; apresenta vocabulário menos econômico, termos de significação mais específica; construções sintáticas mais elaboradas; informações explícitas e claras; predomínio da subordinação.
Não é planejada, o que acarreta, entre outras coisas: repetição, hesitação, dúvida, retomada de assunto; frases inacabadas ou reduzidas; formas contraídas; omissão de termos; vocabulário mais econômico; predomínio da coordenação.	Distanciamento do destinatário.
Maior envolvimento do ouvinte no processo.	

UNIDADE I	UNIDADE II	UNIDADE III
Aula 5	Aula 6	Aula 7
		Aula 8

Práticas para o desenvolvimento da oralidade

As sugestões que o RCNEI traz, com o intuito de melhor organizar as questões da linguagem oral, bem como da linguagem escrita são, resumidamente, as seguintes (1998, p. 131):

- De 0 a 3 anos: (i) participar de variadas situações de comunicação oral, para interagir e expressar desejos, necessidades e sentimentos por meio da linguagem oral, contando suas vivências; (ii) interessar-se pela leitura de histórias; (iii) familiarizar-se, aos poucos, com a escrita, por meio da participação em situações nas quais ela se faz necessária e do contato cotidiano com livros, revistas, histórias em quadrinhos etc.
- De 4 a 6 anos: os objetivos da faixa etária anterior são mantidos e a eles acrescenta-se: (i) ampliar gradativamente suas possibilidades de comunicação e expressão, interessando-se por conhecer vários gêneros orais e escritos e participando de diversas situações de intercâmbio social nas quais possa contar suas vivências, ouvir as de outras pessoas, elaborar e responder perguntas; (ii) familiarizar-se com a escrita por meio do manuseio de livros, revistas e outros portadores de texto e da vivência de diversas situações nas quais seu uso se faça necessário; (iii) escutar textos lidos, apreciando a leitura feita pelo professor; (iv) interessar-se por escrever palavras e textos ainda que não de forma convencional; (v) reconhecer seu nome escrito, sabendo identificá-lo nas diversas situações do cotidiano; (vi) escolher os livros para ler e apreciar.

Vale lembrar também que, quando a criança chega à escola, chega junto com ela a sua voz, a sua fala do dia-a-dia e que, por mais que seja como uma "sementinha" que ainda frutificará, é com ela que a criança se comunica com o mundo. O principal para o professor é saber se apropriar dessa experiência, com o intuito de diversificar suas práticas de maneira coerente e comunicativa. O passo seguinte é fazer com que a criança tenha conhecimento da linguagem social, das práticas que são valorizadas socialmente e, posteriormente, da linguagem considerada padrão.

O mais importante talvez seja a não discriminação de todo o componente emocional, afetivo e comunicativo trazido pela criança, a quem devemos facultar a capacidade de comparar a sua linguagem cotidiana com aquela que será de uso na escola, conforme indica o RECNEI:

A linguagem não é apenas vocabulário, lista de palavras ou sentenças. É por meio do diálogo que a comunicação acontece. São os sujeitos em interações singulares que atribuem sentidos únicos às falas. A linguagem não é homogênea: há variedades de falas, diferenças nos graus de formalidade e nas convenções do que se pode e deve falar em determinadas situações comunicativas. Quanto mais as crianças puderem falar em situações diferentes, como contar o que lhes aconteceu em casa, contar histórias, dar um recado, explicar um jogo ou pedir uma informação, mais poderão desenvolver suas capacidades comunicativas de maneira significativa (p. 121).

Assim, algumas das práticas que podem ser trazidas para a sala de aula são, para crianças entre 0 e 3 anos: conversas, leituras de diferentes gêneros literários, utilização de situações do cotidiano para estimular escrita e oralidade, manuseio de material impresso.



Faça uma releitura do RCNEI no seu tópico A criança e a linguagem (p. 125-150). Procure compreender as práticas, tanto de desenvolvimento da leitura quanto do desenvolvimento oral, e como as linguagens estudadas até aqui (cênica e corporal) estão presentes nas práticas sugeridas. Aproveite também para perceber a presença das linguagens que ainda estudaremos (imagética, musical e a contação de histórias).

UNIDADE I**UNIDADE II****UNIDADE III****Aula 5****Aula 6****Aula 7****Aula 8**

Já para a faixa dos 4 aos 6 anos, encontramos as seguintes sugestões: uso da linguagem oral para conversar, brincar, comunicar e expressar desejos, necessidades, opiniões, ideias, preferências e sentimentos e relatar suas vivências nas diversas situações de interação presentes no cotidiano; trabalhar com perguntas e respostas; estimular situações que envolvam a necessidade de argumentação; trabalhar a narração de fatos com sequência de tempo e de causa; trabalhar com a recontagem de histórias e utilizar jogos verbais como trava-línguas, parlendas, adivinhas, quadrinhas, poemas e canções (RCNEI, 1998, p. 133-137).

Ao participar das interações propostas em sala de aula, as crianças vão aprendendo a ouvir e a falar em situações diferenciadas. Aprendendo, por exemplo, a compreender o que o(a) professor(a) fala, a ouvir os colegas e esperar sua vez de falar, a ter atenção enquanto o outro fala, a respeitar a diversidade nos modos de falar. Simultaneamente, vão aprendendo também a dar recados, a contar casos sem perder o fio da meada, a expor oralmente suas ideias.



Parlendas são versos para entreter ou divertir as crianças e que ainda podem servir para escolher quem deve iniciar o jogo ou aqueles que devem tomar parte de alguma brincadeira. Um exemplo de parlenda é: "um-dois, feijão com arroz; três-quatro, feijão no prato..."; outro exemplo de parlenda que serve para escolher um jogador é: "mamãe mandou eu escolher este daqui, mas como eu fui teimoso eu escolhi este daqui".



Fonte da imagem: http://4.bp.blogspot.com/_43_muQS4x8U/SKQgRRWMrSI/AAAAAAAAABqQ/OOo4opIU_Nc/s400/PARLENDA+CACHIMBO.jpg

**DESAFIO**

Conforme vimos, existe uma variedade de possibilidades de se trabalhar a oralidade em sala de aula. Vimos também que é muito importante manter a consciência de que a linguagem oral é distinta da linguagem escrita e que a primeira deve ser estimulada a partir das experiências e emoções de cada aprendiz.

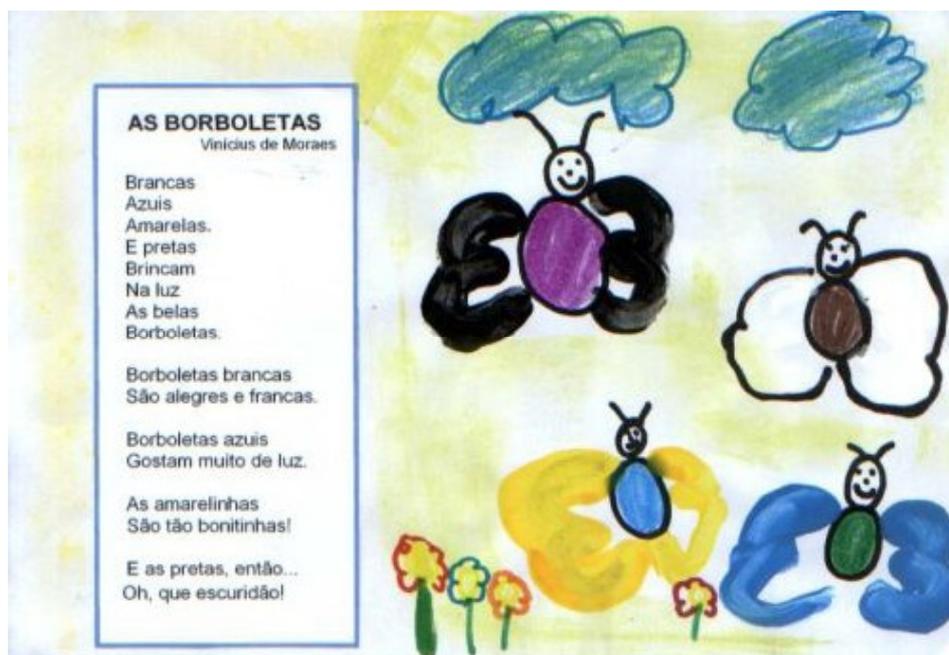
O desafio desta aula é o de coletar sugestões de atividades que contribuam com o desenvolvimento da oralidade da criança, nas duas faixas etárias (de 0 a 3 e de 4 a 6 anos). Para isso, você deverá trabalhar com um modelo de ficha do exemplo que segue. Faça, no mínimo, duas atividades por <faixa etária>.



Para essa atividade, você pode buscar a ajuda de outros professores e mediadores, em livros e na internet. Uma dica: procure diversificar ao máximo suas fichas, inclua objetos e a participação dos pais etc. Ouse!

UNIDADE I	UNIDADE II	UNIDADE III
Aula 5	Aula 6	Aula 7
		Aula 8

4 a 6 anos Ficha nº 1	Título da atividade: Poesia "As borboletas" de <Vinícius de Moraes>	
Objetivos:	Atividade 1	MORAES, V. A Arca de Noé . 2ª Ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1991.
Trabalhar e nomear as cores branca, azul, amarela e preta; associação de outras cores e rimas.	Leitura do poema pelo professor. 2ª leitura utilizando desenhos de borboletas para fixação. Perguntas e respostas.	
Material:	Atividade 2	
Desenhos de borboletas, papel, tinta e pincéis.	Fazer um poema coletivo baseado em cores e borboletas. As crianças, em grupos, devem pintar suas borboletas e apresentar seu poema como um jogral.	



Fonte: http://www.colmagno.com.br/ToDoDiaPoesia/imagens/Borboleta_Gabriela.jpg

UNIDADE III

LINGUAGENS NÃO-VERBAIS - ENTRE LÍNGUA, CULTURA E SOCIEDADE: IDEIAS E PRÁTICAS

AULA 9: A LINGUAGEM IMAGÉTICA E PLÁSTICA

Olá, estimado/a aprendiz! Se fizermos uma breve recapitulação da unidade anterior, encontraremos a presença marcante do conceito de linguagem não-verbal, especialmente aquela ligada ao corpo ou linguagem corporal. No uso do corpo, tanto de maneira inconsciente, quanto de forma consciente, a exemplo do trabalho de ator e atriz, não nos é facultado ignorar a presença material do corpo humano.

A importância e a extensão da compreensão da linguagem corporal residem, em boa parte, nessa impossibilidade de afastamento. No entanto, no conjunto das linguagens não-verbais, há a possibilidade de distanciamento do corpo sem perder a riqueza inerente ao não-verbal. Em outras palavras, há como fazermos analogias entre a linguagem corporal e as outras linguagens não-verbais, conforme abordaremos nesta aula. Faça bom proveito!

O que é imagem?

Uma pergunta como "O que é imagem?", nos dias atuais, pode parecer muito simples de responder. Vivemos em um mundo onde os grandes meios de comunicação estão ligados diretamente à imagem, a começar pela televisão, pela internet, chegando até os jornais e as revistas impressos, à fotografia, ao cinema, ao desenho etc. A imagem está contida diretamente em nosso mundo capitalista, sobretudo, no apelo da publicidade pelo consumo. Se há toda uma maximização do uso da imagem, não podemos negar que seus efeitos sejam proporcionalmente importantes. Exemplo de tal importância está na moda, nos produtos que consumimos, muitas vezes, nos juízos de valor que associamos à beleza e na fragmentação do < **mundo** >.



Fonte: <http://nautilus.fis.uc.pt/cec/teses/joana/prototipo/images/olhos.jpg>

A imagem pode ser de duas naturezas: estática ou em movimento. Assim, a imagem televisiva, a videográfica e a cinematográfica são imagens em movimento, enquanto a fotografia, o desenho e a pintura são imagens estáticas. Interessante ressaltar que, mesmo em movimento, a imagem é composta por imagens estáticas, como no cinema e no vídeo. O movimento surge por uma qualidade da retina chamada de < **persistência da retina** >.

Mas o que é imagem? É todo o tipo de representação visual de um determinado objeto. A Filosofia irá dizer que não apenas será uma representação visual, mas qualquer representação sensível, sendo que, em certos casos, imagem e representação podem ter o mesmo significado (MORA, 1969). Essa conceituação permite que a imagem também seja associada, por exemplo, à audição. Lembra quando você escuta uma música que consegue lhe trazer recordações? Ela passa a ser uma representação de situações vividas no passado, de pessoas e de ambientes. Da mesma forma acontece com os outros sentidos, como um cheiro ou um sabor.



Muitas vezes, deixamos-nos levar pelas imagens, seja naquela compra de um produto que, mesmo desnecessário, agradou aos nossos olhos, seja no julgamento de caráter de alguém que acabamos de conhecer, quando nos pegamos dizendo "não fui com a cara de fulano(a)". Esses são alguns exemplos de como a imagem nos influencia negativamente. Você será capaz de enumerar situações nas quais a imagem exerce uma ação positiva em sua vida? Pense.

A persistência da retina consiste na capacidade de a retina manter, por uma fração de segundo, uma determinada imagem, mesmo depois que ela tenha saído do campo de visão. O mesmo princípio é utilizado no projetor cinematográfico.

UNIDADE I	UNIDADE II	UNIDADE III
Aula 9	Aula 10	Aula 11
		Aula 12

Na qualidade de ser representação, a imagem tem a capacidade de ser comunicativa pelo simples fato de que, ao representar, fala-nos sobre o que representa. E no instante em que qualquer imagem é apresentada, deliberadamente, por um emissor, o interesse de seu criador está em estabelecer uma comunicação com o receptor. Com esse intuito, a imagem não poderá ser aleatória, mas fruto da experiência visual da realidade. Outra característica da imagem é que, por ser fruto de uma realidade, ela pode ser utilizada para registrar o passado, seja do ponto de vista da cultura, das ideologias ou das intenções inerentes a cada representação imagética. Os objetos artísticos são bons exemplos de imagens em comunicação.

A linguagem plástica, um mundo no mundo da escola



RICHTER, Sandra R.S. Experiência poética e linguagem plástica na infância. In: 30ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), 2007, Caxambu (MG). Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação, 2007. p. 1-15. Disponível no CD-ROM do trilhas Vol 5.

O que entendemos por linguagem plástica? Leia abaixo o trecho da publicação de Richter, Experiência poética e linguagem plástica na infância:

Imagens desenhadas ou pintadas, modeladas ou construídas, modificam nossa relação com as coisas, com o mundo, com o corpo. A atitude laboriosa que envolve o ato de desenhar, pintar e modelar, assim como construir objetos, não é apenas um passatempo que promove a evasão do real, a partir da livre imaginação, e tampouco se reduz a um meio para "adquirir" conhecimentos. Implica em uma experiência de aprendizagem no sentido de formação <(RICHTER, 2007, p. 5) >.

Dessa forma, as ações de desenhar, pintar e modelar são postas como outra forma de comunicação e que estão, evidentemente, vinculadas à imagem. Enquanto a relação da criança com a imagem é a de ser impregnada por aquela, a possibilidade de interatividade presente na linguagem plástica é a da criatividade, a de poder, no sentido inverso, de insinuar outro mundo.

Crianças gostam de bolinar e provocar o mundo. Estão em constante comunhão de perigos. Contra o senso pedagógico, não é o verbo que mobiliza ações e transformações na infância. É a experiência sensível do corpo e o movimento afetivo das mãos que tocam a materialidade do mundo para daí extrair um *e-movere* – a admiração, a interrogação, a investigação – que abole molduras estabelecidas por conhecimentos prévios. Um corpo <estesiado>, um corpo em movimento, um corpo linguageiro. O que as crianças mostram à educação, em seu poder de realizar a passagem do espanto, maravilhamento, perplexidade, à execução de algo (traços, manchas, figuras, objetos, palavras), é que não há conhecimento enquanto essência e totalidade, há aprendimentos enquanto repertórios de inteligibilidade de um corpo linguageiro constituído (multi) temporalmente com outros.



Fonte: <http://www.colmagno.com.br/Tudosobremim/imagens/P1010024.jpg>



Estesiado vem de estesia, que é o sentimento do belo ou a sensibilidade para o belo.

O corpo que age opera no mundo e o transfigura, tornando-o inteligível. A arte seria incompreensível se não desarranjasse e não rearranjasse nossa relação ao real. Aproximar o mundo, através de traços e manchas sobre uma superfície reduzida, é renunciar a sua imediaticidade pela tomada de distância, pela posse do distanciamento, redimensionando a relação sensível com as coisas e com o espaço que nos enlaça. Desenhar, pintar, modelar, construir objetos, isto é, trazer pelas mãos uma visão-imagem de totalidade e unidade daquilo que é disperso e impalpável, pela imensa distância que as grandezas impõem, amplifica a compreensão das coisas cativas no mundo, pois permite tomar posse do intangível <(RICHTER, 2007, p. 5-6)>.



O artigo completo de Sandra Richter encontra-se disponível no CD-ROM do trilhas Vol 5.



Fonte: <http://acertodecontas.blog.br/wp-content/uploads/2008/04/midia.jpg>

Assim, a arte visual é linguagem comunicativa, e toda imagem é comunicativa, independente de sua natureza ou matéria-prima. Pintura, desenho, escultura, objetos de massa de modelar, fantoches, máscaras, imagens, fotografias etc. são todos parte de um mesmo tipo de comunicação. O diferencial vai estar em que lado do processo estamos: como receptores, muitas vezes passivos, ou como transmissores, sempre ativos. A criança, por suas características próprias, vistas ao longo deste e de outros componentes curriculares, deve, sempre que possível, experimentar a condição de transmissor. Para isso, nada mais adequado que sua expressão plástica e corporal contida, por exemplo, na ação aparentemente simples de representar, através do desenho, uma história ou um personagem de contos de fadas.

Em nosso dia-a-dia, a presença desse tipo de comunicação materializa-se pela televisão, pela internet, por revistas, jornais e livros, por <outdoors> etc. Se entendermos a imagem como um discurso sobre o mundo real, sua utilização na escola não deverá ser restrita apenas à ilustração, tarefa que lhe é mais peculiar nesse ambiente. Por essa linha de pensamento, percebe-se certa desatenção em relação ao uso da imagem na escola. Se a imagem é um discurso sobre o mundo real e, ao mesmo tempo, é cheia de possibilidades em relação à linguagem escrita, suas funções devem ir além da simples ilustração.



Outdoor é um estrangeirismo que define genericamente qualquer tipo de propaganda – seja em formato de painel, de letreiro luminoso, de parede pintada etc. – que, exposta ao ar livre, caracteriza-se por forte apelo visual e comunicação instantânea.

A linguagem das imagens na escola

Se partirmos do pressuposto de que, quase sempre, as imagens são colocadas como função ilustrativa, quais seriam, então, as outras formas de sua utilização?

Antes de tentarmos responder a essa pergunta, vejamos como Vygotsky encara a criatividade:

A atividade criativa da imaginação está em relação direta com a diversidade e a riqueza da experiência humana, porque essa experiência fornece o material do qual se ergue a fantasia. Quanto mais rica é a experiência humana, tanto mais será o material disponível para a imaginação. Assim, a imaginação das crianças é mais empobrecida do que a dos adultos, por ser menor a sua experiência.

UNIDADE I**UNIDADE II****UNIDADE III****Aula 9****Aula 10****Aula 11****Aula 12**

VYGOTSKY, L. S. **La imaginacion y el arte em la infancia: ensayo psicológico.** México: Ediciones Hispánicas, 1987. Disponível no CD-ROM do trilhas Vol 5.

Se examinarmos a história dos descobrimentos, das maiores invenções, poderemos comprovar que, quase sempre, surgiram tendo como base grandes experiências acumuladas anteriormente. Precisamente, toda fantasia parte de experiências acumuladas, ao passo que, quanto mais rica seja a experiência, mais abundante deve ser a imaginação <(VYGOTSKY, 1987, p. 9)>.



Fonte: http://www.colmagno.com.br/quemconta/Historias/Branca_Neve/mapa/ciencias/animais17.jpg

A criança utiliza a linguagem plástica como forma de expressão, mesmo quando já domina a escrita. Essa capacidade irá perdurar por muito tempo e estará ligada diretamente à experiência acumulada, conforme diz Vygotsky. Dessa maneira, podemos encontrar outras abordagens, tanto para a linguagem imagética quanto para a plástica, como por exemplo, a do próprio estímulo à imaginação, seja através de imagens estáticas, como as ilustrações, ou através de imagens em movimento. Esse segundo caso abre um variado leque de outras possibilidades, não apenas na forma básica própria do uso de filmes e de vídeos ou objetos animados (móviles, por exemplo), mas no uso do computador em rede e toda a sua dinamicidade de imagens estáticas e em movimento.

Para complementar, seus conhecimentos, leia o texto <Imagens em trânsito: integrando a cultura visual na educação>. Em seguida, vamos ao desafio.



CORDEIRO, S. S.; COELHO, M. G. P. Imagens em trânsito: integrando a cultura visual na educação. In: 4º Telecongresso Internacional de Educação de Jovens e Adultos, 2005, Natal. Mídia e Educação: incluir na sociedade do conhecimento, 2005. Disponível no CD-ROM do trilhas Vol 5.

**DESAFIOS**

Com base nas informações sobre linguagem imagética e linguagem plástica, faça uma pesquisa sobre atividades aplicadas em sala de aula que trabalhem esses dois tipos de linguagem. Descreva, pelo menos, três atividades distintas. Nosso fórum, no Moodle, será o lugar de debate.



Assista a vídeoaula **O não-verbal na contação de histórias** e realize a atividade solicitada em nosso ambiente virtual de aprendizagem - Moodle.

UNIDADE I**UNIDADE II****UNIDADE III****Aula 9****Aula 10****Aula 11****Aula 12****AULA 10: A LINGUAGEM MUSICAL**

Olá! Estamos chegando à reta final do nosso componente curricular. A partir desta aula, iremos direcionar nossos esforços para o trabalho de conclusão desta etapa do curso de pedagogia, que será uma grande "contação" de histórias através do universo da linguagem. O desejo é de que possamos mesclar os diversos tipos de linguagens não-verbais estudados, utilizando, para isso, a "contação" de história, de forma roteirizada e ensaiada, buscando explorar ao máximo essa diversidade.

Até aqui, estudamos a linguagem corporal, a cênica e a imagética. As duas primeiras estão ligadas ao corpo, sendo que, na linguagem cênica, incluem-se acessórios, como vestuário e outros. Nesta aula, daremos ênfase à linguagem musical, que pode ser trabalhada não apenas por quem domina algum tipo de instrumento musical, mas, principalmente, por todos os que detêm a capacidade de apreciar a música; afinal de contas, conforme veremos mais adiante, ela também tem reflexos na linguagem corporal.



Fonte: <http://bilbokoegi.wikispaces.com/file/view/Musica.jpg>

A simbiose entre música e corpo: uma mesma linguagem?

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, vol. 3, 1998. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf>>. Acesso em FEV 2009. Disponível no CD-ROM do trilhas Vol 5.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RCNEI,

O ambiente sonoro, assim como a presença da música em diferentes e variadas situações do cotidiano, fazem com que os bebês e as crianças iniciem seu processo de musicalização de forma intuitiva. Adultos cantam melodias curtas, cantigas de ninar, fazem brincadeiras cantadas, com rimas, parlendas etc., reconhecendo o fascínio que tais jogos exercem. Encantados com o que ouvem, os bebês tentam imitar e responder, criando momentos significativos no desenvolvimento afetivo e cognitivo, responsáveis pela criação de vínculos tanto com os adultos quanto com a música. Nas interações que se estabelecem, eles constroem um repertório que lhes permite iniciar uma forma de comunicação por meio de sons.

O balbúcio e o ato de cantarolar dos bebês têm sido objetos de melodias cantaroladas até os dois anos de idade, aproximadamente. Procuram imitar o que ouvem e também inventam linhas melódicas ou ruídos, explorando possibilidades vocais, da mesma forma como interagem com os objetos e os brinquedos sonoros disponíveis, estabelecendo, desde então, um jogo caracterizado pelo exercício sensorial e motor com esses materiais <(BRASIL, 1998, p. 51)>.

Segundo o RCNEI, a linguagem musical está diretamente ligada ao desenvolvimento da percepção infantil, podendo se associar diversos ritmos corporais aos ritmos musicais. Por exemplo, a partir de batidas em um tambor, ou de uma melodia acompanhada de palmas, as crianças são estimuladas a caminhar de acordo com o andamento da música; o(a) professor(a) poderá variar a velocidade, fazendo com que elas percebam as variações e busquem entrar no ritmo.

UNIDADE I	UNIDADE II	UNIDADE III
Aula 9	Aula 10	Aula 11
		Aula 12

O exemplo aqui referido se aproxima da dança, que é a junção de corpo e música. Outras variações podem derivar do exemplo anterior: enquanto cantam, as crianças podem bater palmas, menear a cabeça, fazer coreografias com braços e pernas e, por fim, dançar. Não apenas o movimento corporal pode ser explorado, mas também outros ritmos do corpo, como a respiração ou os batimentos cardíacos, que servem como padrões rítmicos.

E aqui chegamos ao canto! Muitas pessoas acham que as portas do universo musical só são abertas quando se toca um instrumento e se esquecem de que o instrumento primaz e unânime, com raras exceções, é a voz. Explorar o canto é transpor a capacidade de fala articulada do aparelho fonador para a expressão artística e emocional da canção, conforme reza o RCNEI:

O canto desempenha um papel de grande importância na educação musical infantil, pois integra melodia, ritmo e, frequentemente, harmonia, sendo excelente meio para o desenvolvimento da audição. Quando cantam, as crianças imitam o que ouvem e, assim, desenvolvem condições necessárias à elaboração do repertório de informações que posteriormente lhes permitirá criar e se comunicar por intermédio dessa linguagem. É importante apresentar às crianças canções do cancionário popular infantil, da música popular brasileira, entre outras que possam ser cantadas sem esforço vocal, cuidando, também, para que os textos sejam adequados à sua compreensão (BRASIL, 1998, p. 59).

Apesar de a percepção musical ser inerente ao ser humano, cabe ao(a) professor(a) a função de compreender as limitações individuais de cada criança, buscando as melhores estratégias para a interação entre ela e a música, de maneira similar ao aprendizado da linguagem falada e da escrita. A fala e a música são linguagens, ambas sofrem os mesmos processos de desenvolvimento e são tanto comunicação quanto expressão do indivíduo.



Fonte: http://www.sc.df.gov.br/uploads/media/agenda_AGOSTO/foto%20%20Corpo3.JPG



Menear é mover de um lado para o outro.

A relação entre aprendente e música

Toda a importância da música explorada no tópico anterior não pode servir apenas para o universo da criança. Essa importância também se faz presente no adulto e, evidentemente, em você. As nossas referências musicais ditarão a qualidade do nosso trabalho com a linguagem musical. Existem muitas restrições impostas pela mídia (rádio e televisão, principalmente), as quais somos obrigados a aceitar. A massificação de determinados estilos musicais impostos pela indústria cultural reduz drasticamente as possibilidades de expressão musical, implicando uma falsa sensação de gosto, conforme refere Adorno:

[...] se perguntarmos a alguém se gosta de uma música de sucesso lançada no mercado, não conseguiremos nos furtar à suspeita de que o gostar e o não gostar já não correspondem ao estado real, ainda que a pessoa interrogada se exprima em termos de gostar e não gostar. Ao invés do valor da própria coisa, o critério de julgamento é o fato de a canção de sucesso ser conhecida de todos; gostar de um disco de sucesso é quase exatamente o mesmo que reconhecê-lo <(1983, p.165)>.



ADORNO, T. W. O fetichismo na música e a regressão da audição. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

O que Adorno quer dizer é que a força da mídia e do mercado da música impõe gostos, modismos e a ideologia dominante e que, nem sempre, o gosto imposto consegue passar pelo crivo da <estética>. A consequência disso é o empobrecimento musical, em que a diversidade – algo próprio da criação e da arte – é desprezada em nome da massificação, não restando aos ouvintes a possibilidade de conhecer e até gostar de outros estilos e compositores. A música também é linguagem, mas, muitas vezes, uma má linguagem. Outro ponto importante, no que concerne à concepção da música como um produto cultural, é o respeito à música do outro, suas características e seu uso, seja como música de entretenimento ou ligada a algum tipo de ritual.

Então, caro(a) aprendente, para um bom trabalho com a linguagem musical, é preciso que haja diversidade, senso crítico e a capacidade de avaliação estética daquilo que utilizamos como exemplos musicais para nossos alunos.

Linguagem musical na educação infantil

Entre as possibilidades de trabalho com a linguagem musical na educação infantil, há aquelas ligadas a esse universo e que são indicadas no RCNEI. Para as crianças de zero a três anos, devem ser desenvolvidas as seguintes capacidades:

- Ouvir, perceber e discriminar eventos sonoros diversos, fontes sonoras e produções musicais;
- Brincar com a música, imitar, inventar e reproduzir criações musicais.

Do ponto de vista da musicalização infantil, os primeiros contatos com a música devem acontecer a partir dos oito meses de idade, em aulas de musicalização infantil, estimulando na criança os itens acima.



Fonte: http://www.coliseudoporto.pt/edicoes1/imagens/@artigos/1021_118.JPG

Já para as crianças entre quatro e seis anos, são mantidos os objetivos estabelecidos para a faixa etária de zero a três anos, acrescentando-se eles a capacidade de:

- Explorar e identificar elementos da música para se expressar, interagir com os outros e ampliar seu conhecimento do mundo;
- Perceber e expressar sensações, sentimentos e pensamentos, por meio de improvisações, composições e interpretações musicais.

Nessa faixa etária, a criança já pode ser iniciada na leitura e na escrita musical e com instrumentos os mais diversos, como violino (Método Suzuki), flauta-doce entre outros. Esses sons, também conhecidos como sons concretos, muitas vezes passam despercebidos, mas estão presentes em quase toda produção de audiovisual, no cinema, no vídeo e na televisão. Esses “ruídos” podem e devem ser utilizados quando, por exemplo, contamos histórias, seja para ilustrar ou dar vida a personagens e situações. Em nossa próxima aula, veremos a utilização de trilhas sonoras (música e sons concretos) não apenas durante a “contação” de histórias, mas também na preparação de trabalhos mais elaborados, com o uso de gravadores e de computadores.



A Estética é um ramo da Filosofia que tem como função a reflexão sobre o objeto artístico, buscando sair do juízo de gosto, individual e ligado ao tempo, para um juízo único e universal. Segundo o esteta Luigi Pareyson, “o fato é que gosto pessoal e histórico e juízo único e universal não são dois modos opostos de conceber e teorizar a valoração estética, como resulta daquelas doutrinas contrárias, mas são, antes, dois aspectos inelimináveis da leitura e da crítica de arte” (PAREYSON, 2001, p. 242). Vencer a barreira do gosto pessoal ou do gosto imposto em qualquer circunstância é realizar o trabalho da Estética.

UNIDADE I	UNIDADE II	UNIDADE III
Aula 9	Aula 10	Aula 11
		Aula 12



DESAFIO

Nesta aula, vimos como o som marca presença em nossas vidas. Serve tanto para nosso deleite pessoal, como quando ouvimos música, quanto para nos alertar de um carro que se aproxima ou quando fechamos nossas janelas ao ouvirmos sons de chuva caindo. Também vimos a necessidade de perceber as diferenças culturais concomitante à ideia de diversidade, porquanto ambas permitem o enriquecimento cultural do ouvinte.

Como devemos reagir quando confrontados com sons e músicas que não estamos acostumados a ouvir? Esse é o desafio de nossa aula. Criar o hábito de não apenas ouvir determinada música, mas escutá-la como uma ação consciente e <única>. Para isso, ouça os arquivos música01.wav e música02.wav (CD-ROM do trilhas Vol 5) e anote suas impressões da seguinte maneira:

- Quantifique o que ouviu: se tem instrumentos, quantos e quais; se tem voz, se é ou não compreensível, o estilo da música etc.;
- Qualifique o que ouviu: o que lhe causou a audição em termos de sentimentos, tais como alegria, tristeza, saudades, uma recordação etc.

Procure utilizar suas palavras, mesmo nos casos em que você não tenha a certeza do instrumento ou da palavra a ser utilizada. Vamos compartilhar nossas impressões em nosso fórum, no Moodle. Bom exercício e boa audição!

Alguns autores gostam de separar a ação fisiológica de ouvir da ação consciente de escutar. A primeira é automática e utilizamos, por exemplo, quando ouvimos música, enquanto fazemos outras atividades (dirigindo, cozinhando, falando ao telefone, fazendo exercícios etc.). A segunda pressupõe uma atividade isolada, em que a tarefa é apenas a de concentração naquilo que se faz, neste caso, escutar conscientemente.



AULA 11: "CONTAÇÃO" DE HISTÓRIAS COMO ATIVIDADE SÍNTESE

O ato de escutar histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo (a mesma história ou outra). Afinal, tudo pode nascer de um texto!

Quem nunca contou histórias? Ou melhor, quem nunca se deliciou com uma boa história? Nesta nossa penúltima aula, vamos abordar o tema da contação de história como atividade síntese das diversas linguagens estudadas ao longo de nosso <componente curricular>.

Nosso objetivo é demonstrar as diversas possibilidades proporcionadas pela contação de história, quando lidamos com as linguagens não-verbais até aqui abordadas. Conforme veremos, a contação de histórias não precisa ser apenas lida ou falada, ela pode ser ilustrada, cantada, coreografada, sonorizada, interpretada etc. Da mesma forma que a contação consegue reunir linguagens, ela também aproxima professores, pais e aprendentes, pois quando uma história é boa e bem contada, não morre no tempo, mas é recontada, relida muitas e muitas vezes. Nossa tarefa, apesar de simples, aproxima de nosso desafio final do percurso: uma grande contação de histórias e as linguagens verbais e não-verbais. Ânimo, dileto(a) aprendente!



O tema da contação de histórias já foi anteriormente abordado no componente curricular Ludicidade e Desenvolvimento da Criança I, em sua aula oito (Trilha do Aprendiz - Vol. 3, p. 143-145). Nosso objetivo é aprofundar um pouco mais, expondo técnicas e dicas de como contar histórias.

O que não é a contação de histórias

Contar e ouvir histórias são hábitos bastante antigos e que, provavelmente, começaram com os primeiros agrupamentos de seres humanos. Já a leitura e a escrita são bem mais recentes e constituem um avanço da tecnologia, como forma de registrar um pensamento, mantê-lo por mais tempo e a salvo da memória humana e de suas falhas.



Onírico é relativo ou próprio dos sonhos. No contexto, "fronteira onírica" significa um espaço menor para a imaginação.

A transmissão oral é a responsável pela perpetuação de histórias e se responsabiliza pelo surgimento de lendas e mitos, já que dá liberdade ao ouvinte de, ao recontar uma história, sobrevalorizar personagens, situações etc.; a tônica aqui reside na imaginação e em sua capacidade de recriação a cada recontagem da história. Assim, a diferença entre a transmissão oral e a leitura/escrita é de que esta última não se deixa levar pela imaginação de forma tão livre, pois ainda imaginamos as palavras que lemos e escrevemos, mas as fronteiras <oníricas> são mais limitadas.



Fonte: http://3.bp.blogspot.com/_OV5-ZmDVgaQ/SLb1fUORPjI/AAAAAAAAAzo/6_dmuA6OoDE/s400/Conta%C3%A7%C3%A3o+na+pra%C3%A7a+-+23+08+2008+1.jpg

UNIDADE I	UNIDADE II	UNIDADE III
Aula 9	Aula 10	Aula 11
		Aula 12

Em resumo, a contação de histórias não deve ser uma simples leitura de uma história. Ela deve ser algo mais, que pode até nascer da leitura, mas que deve transpô-la e ganhar a liberdade do papel e ser, no instante em que é contada, a maior história do mundo, com direito a ser reinventada, aumentada, revigorada etc.



Como se faz uma contação de histórias?



Segundo o dicionário Aurélio, performance é qualquer atividade artística que, inspirada nas artes cênicas, apresenta-se como evento transitório, e que pode incluir dança, música, poesia, e até mesmo cinema, televisão ou vídeo.

A narração oral de histórias é uma forma de arte que só existe plenamente no momento da <performance>.

Como a dança, o teatro e o canto, deixa apenas rastros incompletos de sua passagem nos suportes físicos que tentam guardá-la. Sua imprevisibilidade é a medida de sua vitalidade, pois só ocorre plenamente no encontro com o receptor.

Partindo do que foi colocado no item anterior, depreendemos que, para se tornar um bom contador de história, é preciso ter capacidade para estimular a imaginação do ouvinte. Esse pressuposto, por si só, coloca a leitura como uma ação individual, para que o contador aumente seu repertório. Um bom contador conta histórias de "cabeça",

não apenas decoradas, mas sempre <reinventadas a cada vez>. No caso específico do ouvinte criança, observe o que nos diz Girardello:

A importância da imagem particular e subjetiva criada pela criança já seria uma razão forte para que perdêssemos o receio de contar histórias "de cabeça", para que afastássemos o medo de não conseguir manter a atenção das crianças se não lhes mostrarmos as figuras dos livros. Se nosso olhar não estiver preso às páginas, tenderá a se voltar com mais intensidade para as crianças, e teremos talvez mais facilidade em incorporar os movimentos e as reações delas a nossa performance. Tão envolventes quanto as ilustrações podem ser os recursos expressivos que formos desenvolvendo: um estalar de dedos, uma pausa inesperada, um arregalar de olhos, um toc-toc-toc com o nó dos dedos na madeira da parede. Tão atraente quanto as figuras do livro pode ser a linguagem que usarmos: a sonoridade das palavras, os estribilhos, as rimas e repetições, o uso de diferentes vozes ou sotaques para os personagens (2003, p. 7).



As boas histórias e os bons contadores são os que sempre ouvem "conte aquela história mais uma vez". O ouvinte não se cansa, mas se emociona com a mesma história, muitas vezes. Só essa observação dá conta do potencial que é unir uma boa história e um bom contador. Esses dois elementos, boa história e bom contador, se dissociados, implica na "morte" da história, o ouvinte se satisfaz na primeira e, talvez, última vez.



O protagonista é o ator principal, a partir do qual toda a história se desenvolve.

Como se observa, o <protagonista> de uma contação de histórias reside na fala do contador, mas não impede que ele se utilize da linguagem corporal e teatral, como exposto por Girardello. E quanto às outras linguagens? É evidente que podem ser somadas àquelas as linguagens musicais e a imagéticas, mas sem que nenhuma delas suplante o discurso do contador.

UNIDADE I**UNIDADE II****UNIDADE III****Aula 9****Aula 10****Aula 11****Aula 12**

Vejam-se algumas dicas para se tornar um bom <**contador de histórias**>:

- "Acreditar" na história: o bom contador se envolve na história, vibra e, principalmente, gosta dela. O interesse do contador deve chegar às crianças;
- Em histórias já consagradas, como os contos de fadas, o contador segue o roteiro, ao mesmo tempo em que busca enfatizar as emoções, como o medo, o amor etc.;
- O bom contador não pormenoriza nem explica tudo, mas deixa sempre o espaço para que a imaginação do ouvinte dê solução àquilo que está nas entrelinhas, porque o mistério instiga e faz a história perdurar, mesmo quando é finalizada;
- Uma história é ponto de encontro e ponto de partida. O encontro se dá pela reunião de pessoas ao redor do contador e sua história, e o ponto de partida para outras atividades, como desenhar, recontar, fazer uma redação, trabalhos manuais com massa de modelar etc.;
- Nem sempre é preciso que, ao final, tenha-se uma moral da história. Pode haver nenhuma ou até mesmo várias;

Adaptado do texto A Importância do saber contar histórias na Educação Infantil. Disponível em <www.botucatu.sp.gov.br/Eventos/2007/contHistorias/artigos/AImportanciaSaberContarHistoriasEducacaoInfantil.pdf>. Acesso em Fev 2009.



- Pode-se comentar a história através de perguntas feitas diretamente aos ouvintes, como forma de perceber se o caráter e as características de personagens e situações estão sendo assimilados, mas que, com isso, haja qualquer tipo de desligamento da história;

- O uso do potencial vocal é de suma importância para o bom contador. Saber dosar o volume da voz – entre sussurros e voz mais forte –; saber alterar o timbre, variando do agudo (como exemplo de voz de criança, fadas e mulheres) ao grave (para a voz de monstros e guerreiros). A voz pode ir além, trabalhando com <**onomatopéias**>, ruídos de vento, chuva, animais etc;



Onomatopéias são palavras que imitam os sons naturais, tais como tique-taque, reco-reco, pum, plaft, pocotó entre outros.

- Pausas são de fundamental importância, porque elas antecedem os momentos de tensão e de relaxamento. Quando o contador diz "derepente..." a imaginação é ativada, durando o tempo do silêncio. O silêncio também conta histórias;

- Outros recursos podem e devem ser utilizados, principalmente aqueles dos quais o contador tenha domínio: instrumentos musicais, recursos tecnológicos como CD de áudio, projetores de slides, a dança. Mas se deve ter sempre em mente que são acessórios e que não devem tomar o espaço próprio da voz.



Fonte: http://laertevargas.files.wordpress.com/2008/10/tapetes_materia.jpg

UNIDADE I	UNIDADE II	UNIDADE III
Aula 9	Aula 10	Aula 11
		Aula 12



DESAFIO

O desafio desta aula antecede o trabalho final do nosso componente curricular, esperando que você tenha apreendido o que seja a contação de histórias. Para este desafio, será preciso se reunir em grupos de, no máximo, cinco pessoas e acompanhar o seguinte roteiro:



Link: Adaptado do site eletrônico A bruxinha escritora, disponível em http://bruxinhaescritora.blogspot.com/2008/11/roteiro-para-contao-de-historias.html. Acesso em Fev 2009.



O enredo é a mesma coisa de trama que podem ser interpretado como o esqueleto da história: a situação inicial, o que modifica esta situação, como surge o conflito, o clímax da história e por fim sua conclusão.

- Escolha cuidadosamente a sua história - aquela que melhor será assimilada pelo grupo;
- Estude-a, lendo-a atentamente em conjunto para saber de toda a trama. O grupo pode criar diversas possibilidades de leitura, como em jogral, por personagem etc;
- Identifique os quatro elementos da história: a introdução, o enredo, o ponto culminante e o desfecho;
- Assimile os aspectos principais de cada uma das partes. Ter decorada a frase exata que inicia o relato diminuirá o nervosismo do começo, bem como a frase final, que pode garantir que um esquecimento não comprometa aquilo que se deseja passar na conclusão;

- O grupo deverá escolher um ou, no máximo, dois componentes para ser(em) o(s) contador(es). Essa escolha dependerá da natureza da história;
 - O(s) escolhido(s) deve(m) contar a história para si mesmo(s), diante do espelho, e marcar o tempo que não deverá ultrapassar 10 minutos;
 - Utilize palavras simples, treine a entonação da voz, a dicção e controle o tom da voz para ser fiel aos sentimentos. Os gestos merecem cuidados para dar a medida certa, de modo a não exagerar;
 - Releia a história no dia da apresentação;
 - Lembre da frase inicial... e entregue-se à história, sendo fiel ao que foi ensaiado.
 - Se você esqueceu a frase inicial, recorra àquela frase mágica: "Era uma vez"...
- Apresente o personagem principal e conte o enredo naturalmente sem se preocupar com as frases originais...

Por enquanto é só, mas não termina aqui. Em nossa próxima e última aula, teremos o desfecho com uma grande contação de histórias. O restante dos componentes de seu grupo irá participar ativamente da história ensaiada. Aguarde e veremos como. Até lá, aproveite para assistir a nossa vídeo-aula, disponível no CD do Aprendiz, pois ela procura resumir as informações contidas nas últimas dez aulas.

Boa vídeo-aula e dedicação ao trabalho!

UNIDADE I**UNIDADE II****UNIDADE III****Aula 9****Aula 10****Aula 11****Aula 12****AULA 12: LINGUAGENS NÃO-VERBAIS: COMO CONTAR HISTÓRIAS**

Olá! Estamos chegando ao fim do nosso componente curricular. Esperamos que as informações e os desafios postos, desde a primeira aula, sejam úteis, de diversas maneiras, em sua vida como educador(a). O objetivo geral que colocamos como meta – que é a compreensão do que é a linguagem na educação infantil – só será verdadeiramente contemplado a partir de uma vivência mínima em contato com crianças. Por mais que nos esforcemos em apreender os conceitos, a nossa experiência não poderá ficar de fora desse processo. Nesse sentido, a compreensão das diversas linguagens verbais e não-verbais – corporal, cênica, imagética, plástica e musical – deve passar pela prática.

Na aula anterior, propusemos a prática da contação de histórias como suporte para as linguagens não-verbais, já que, em sua proposta, contempla-se a linguagem verbal (falada) e a possibilidade de mesclar uma ou mais variações da linguagem não-verbal.

Nosso entendimento é de que, na contação de história, não deve haver uma exacerbação do não-verbal, mas, ao mesmo tempo, ela se faz presente no contador, seja através da expressão corporal, facial ou cênica. A tomada de consciência em relação à linguagem do corpo, suas derivações e as outras formas de comunicação não-verbal, é o que se deseja no desafio final que será proposto.

Lembre-se de que, na aula anterior, foi solicitado que cada grupo escolhesse uma história - os grupos serão mantidos até o final da atividade - e um ou, no máximo, dois contadores. Agora entra a parte que caberá ao restante do grupo: o suporte das linguagens não-verbais.

Contação de história, linguagem corporal e linguagem cênica

Ao contador cabem a voz e o corpo da voz, e sua interpretação se torna muito importante para capturar a atenção da plateia. Essa característica dos bons contadores, no entanto, não inviabiliza o uso de outras pessoas como suporte para a narração. Por exemplo, o contador pode pedir que alguém faça o papel de um personagem ou de um objeto de sua história, o que facilita a compreensão espacial do que se diz. Todavia, a pessoa escolhida para interpretar o personagem não deve ter a pretensão de incorporá-lo, pois ele será mais uma referência do que o personagem em si. Dessa forma, não tiramos do ouvinte a sua capacidade de criar, pois, ao olhar para a pessoa, ele terá de imaginar, por exemplo, como é um príncipe, uma bruxa ou mesmo uma árvore e criar uma imagem a seu respeito, dependendo de como os conceba.

O RCNEI adverte sobre a preocupação com o corpo, quando diz que o “professor, também, é modelo para as crianças, fornecendo-lhes repertório de gestos e posturas quando, por exemplo, conta histórias pontuando idéias com gestos expressivos ou usa recursos vocais para enfatizar sua dramaticidade” (BRASIL, 1998, p. 31).



Fonte: http://oglobo.globo.com/fotos/2008/09/25/25_MVG_cult_oficina.jpg

Contação de história, linguagem imagética e linguagem plástica

Na nona aula, fizemos referência às questões sobre as imagens, sobretudo, enfocando o seu uso massivo na escola como ilustração. Tanto as imagens quanto os objetos podem ser usados como linguagem durante a contação de histórias. Embora os livros para crianças tenham a preocupação de ilustrar situações e personagens, na contação, pode haver uma maior liberdade. A questão plástica pode também ser trabalhada tendo a imaginação como foco.

UNIDADE I	UNIDADE II	UNIDADE III
Aula 9	Aula 10	Aula 11
		Aula 12

Um bom exemplo é a utilização de diversos materiais menos comuns no ambiente escolar: um jacaré pode ser representado por um alicate; uma garrafa térmica pode ser a torre do castelo, e assim por diante. Há aqui, mais uma vez, a preocupação com a total liberdade imaginativa do <ouvinte>, permitindo-lhe ir do objeto real para o pensamento abstrato.

Além de imagens e de objetos, não podemos esquecer que tanto a luz quanto as sombras fazem parte do universo imagético e plástico. Caso haja condições, o contador pode utilizar a intensidade da luz e/ou o uso de sombras para dar o clima de sua história. Pode, por exemplo, deixar um ar mais sombrio, diminuindo a quantidade de luz, usar objetos ou as próprias mãos para definir um personagem por meio de sombras etc.

Depois de uma contação, as atividades plásticas podem ser direcionadas à construção de imagens – desenhos, pinturas, modelagens etc. – o que pode levar também, por exemplo, à atividade de recontar a história através da produção de cada um.

Recontar histórias é outra atividade que pode ser desenvolvida pelas crianças. Elas podem contar histórias conhecidas, com a ajuda do professor, reconstruindo o texto original à sua maneira. Para isso, podem apoiar-se nas ilustrações e na versão lida. Nessas condições, cabe ao professor(a) promover situações para que as crianças compreendam as relações entre o que se fala, o texto escrito e a imagem (BRASIL, 1998, p. 144).



Outro exemplo que se aproxima da linguagem plástica e imagética é o teatro de fantoches. Assim como a ilustração ou um objeto qualquer almeja ser apenas uma representação, da mesma forma se dá a personificação de um personagem no fantoche também.

Contação de história e linguagem musical

Há muitas possibilidades de se contarem histórias envolvendo a linguagem musical. Se na história não há elementos musicais próprios, um dos caminhos de entrada da música pode ser o improviso ou a adaptação de melodias já conhecidas. Se o contador tiver habilidades de instrumentista, poderá incluir seu instrumento, seja como acompanhante ou como protagonista da história.

Quando se utiliza um instrumento como protagonista, ele pode refletir, por exemplo, aspectos físicos dos personagens <(sons agudos para pessoas magras, crianças ou figuras femininas; sons graves para personagens gordos, vilões ou velhos etc.)>. As pessoas da plateia também podem ser instigadas a participar musicalmente, seja cantando as melodias ou com palmas. Se for o caso, também se podem unir música e corpo, através da dança ou da imitação de movimentos rítmicos.

Como exemplo do uso da música e de objetos cênicos, assista ao vídeo Macaquinho sai daí, de Bia Bedran. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=9NrOMDp1FSU>>. Acesso em Fev 2009. Disponível também no CD do Aprendiz Vol 5.



Em qualquer um dos exemplos citados, é preciso ter em mente que os elementos musicais devem ser necessariamente simples, no que diz respeito às melodias, aos ritmos e à harmonia, para facilitar a percepção do ouvinte. É importante também sempre levar em conta a prática social da plateia. A não ser que a história exija, cabe ao contador perceber se deve ou não apresentar elementos musicais exteriores à cultura social do ouvinte. Se o contador não tiver muita habilidade musical, ainda resta a possibilidade de utilizar <trilhas sonoras> já prontas e disponíveis em arquivos de computador ou em outra mídia qualquer.



Essas trilhas sonoras também são conhecidas como *playback*, que é o processo de gravação de trilha sonora, ou até mesmo locução e efeitos sonoros, para sua posterior utilização.

UNIDADE I

UNIDADE II

UNIDADE III

Aula 9

Aula 10

Aula 11

Aula 12



DESAFIO

Vamos contar histórias! Não de qualquer maneira, mas dentro do que foi aqui exposto, desde o início até esta última aula.

História escolhida, contador ensaiado, resta agora à equipe definir quais os elementos da história que merecem o reforço comunicativo através do uso das linguagens não-verbais. Uma vez definidos os principais elementos, cabe aos membros do grupo prepararem um roteiro de como será a contação.



Lembre-se de que o que pretendemos com esse desafio é demonstrar o poder e a versatilidade das linguagens não-verbais. Não queremos que esses recursos sejam os atores principais. Portanto, não é necessário que cada história tenha todas as linguagens não-verbais presentes, a escolha criteriosa do que será utilizado é responsabilidade do contador – em nosso caso, de todo o grupo. É preciso que o trabalho transpareça leveza, fluência e encanto. Por isso, muito cuidado com a quantidade de “adereços” que você irá utilizar.

O memorial descritivo é um relatório de todas as atividades desenvolvidas, desde a escolha da história, passando pelos ensaios, até a descrição da função de cada componente. Este trabalho deverá ser enviado em arquivo único para a avaliação do desafio.

Após isso, é preciso determinar quais as outras <linguagens> que serão utilizadas e quem estará responsável por elas; se o público irá participar ativa ou passivamente; quem será o(a) <contra-regra> etc. Para tudo isso, é necessário planejar e registrar o que deve ser feito, através de um memorial <descritivo> de todos os passos para a realização do desafio final.

Cada equipe deverá providenciar meios para registrar sua apresentação para uma plateia de adultos e de crianças. Esse registro pode ser através de gravação de vídeo, fotos ou gravação de áudio.

Caberá o(a) coordenador(a) do Polo escolher um local adequado para a realização do desafio e a plateia que irá assistir à apresentação.

Concomitante com a avaliação técnica do memorial descritivo, parte da nota será através da avaliação da plateia. O(A) coordenador(a) do Polo deverá também aplicar essa avaliação, que pode ser por nota, votação, ou qualquer outro mecanismo de avaliação objetiva.

Por enquanto, fico no aguardo do resultado de todo nosso esforço nessa trilha. Espero que hoje não seja um fim, mas o começo de novas alternativas educacionais para nós todos. Um forte abraço e até a próxima.



Contra-regra é a pessoa encarregada de cuidar de todos os objetos, do ambiente (palco), dos instrumentos, da luz etc. Em nosso caso, será o responsável para que tudo ocorra bem, do ponto de vista técnico.



Fonte: <http://www.tatibitati.net/fotossite/festa4.jpg>